

Altair Alberto Favero Anderson Potrick Caroline de Camargo
Ribeiro Emanuele Rostirolla Mascarello Flávia de Oliveira
Milani Gabriela de Oliveira Zimmermann Gabriela Golembieski
Júlia Scherer Lariani Acevedo Lissara Kaiuane Alves Lóris Marta
Matozo Soares Xavier Lucas Danielli Marinho Luciana Simor
Verardi Mari Carmem Marceli Menegat Marilei Golfe Milan
Marlete Sandra Diedrich Milena Taliza Cazzonato Priscila
Oliveira da Luz Rafaela Oppermann Miranda Rafael da Cruz Freitas
Tatiel Henrique de Zúñiga Williams Douglas Siqueira Rodrigues Zaira
Marlusa Verardi Altair Alberto Favero Anderson Potrick Caroline
de Camargo Ribeiro Emanuele Rostirolla Mascarello
Flávia de Oliveira Milani Gabriela de Oliveira Zimmermann Gabriela
Golembieski Júlia Scherer Lariani Acevedo Lissara Kaiuane
Alves Lóris Marta Matozo Soares Xavier Lucas Danielli Marinho
Luciana Simor Verardi Mari Carmem Marceli Menegat Marilei
Golfe Milan Marlete Sandra Diedrich Milena Taliza
Cazzonato Priscila Oliveira da Luz Rafaela Oppermann Miranda Rafael

Narrativas de Estágio

Organização
Marlete Sandra Diedrich
Lucas Danielli Marinho
Gabriela Golembieski

NARRATIVAS DE ESTÁGIO

MARLETE SANDRA DIEDRICH
LUCAS DANIELLI MARINHO
GABRIELA GOLEMBIESKI
(ORGANIZAÇÃO)

NARRATIVAS DE ESTÁGIO



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Marlete Sandra Diedrich; Lucas Danielli Marinho; Gabriela Golembieski [Orgs.]

Narrativas de estágio. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 144p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1555-6 [Digital]

1. Narrativas. 2. Estágio de docência. 3. Programa de Pós-Graduação em Letras. 4. Universidade de Passo Fundo. I. Título.

CDD – 370

Capa: Gabi Dornelles com finalização técnica de Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Marlete Sandra Diedrich	
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ENTRE A BARBÁRIE E A CIVILIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA	11
Altair Alberto Fávero	
ELA, ELE, EU	31
Anderson Potrick	
PASSOS DA EDUCAÇÃO NA VALSA DA VIDA	37
Caroline de Camargo Ribeiro	
DO GERAL DA FORMAÇÃO DOCENTE À MINHA NARRATIVA PARTICULAR	41
Emanuele Rostirolla Mascarello	
EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM	49
Flávia de Oliveira Milani	
SER PROFESSOR: UM CAMINHO DE RESISTÊNCIA JUNTO ÀS PALAVRAS	55
Gabriela de Oliveira Zimmermann	
NARRATIVAS QUE ME TORNARAM PROFESSORA	59
Gabriela Golembieski	
O ESPELHO DO AMOR: PAIS E PROFESSORES	63
Júlia Scherer	

UMA CARTA A UMA PROFESSORA COM OLHOS VIVAZES Lariani Acevedo	69
POR UMA EDUCAÇÃO QUE LIBERTE E TRANSFORME Lissara Kaiuane Delphino Alves	75
PROFESSORA NA PRÁTICA E NO CORAÇÃO Lóris Marta Matozo Soares Xavier	83
SER HUMANO Lucas Danielli Marinho	89
MINHA CONSTITUIÇÃO DOCENTE: UM GERAL PARTICULAR Luciana Simor Verardi	97
PORQUE ME TORNEI PROFESSORA Mari Carmem	99
O SER SUJEITO PROFESSOR Marceli Menegat	101
MINHA POSIÇÃO DE DOCENTE Marilei Golfe Milan	105
PROJETOS DE EXTENSÃO: CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E CONTRIBUIÇÃO EM DEMANDAS COMUNITÁRIAS Milena Taliza Cazzonato	111
NARRATIVAS DA MINHA CONSTITUIÇÃO DOCENTE Priscila Oliveira da Luz	117

DA EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO À EDUCAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: BREVE REFLEXÃO SOBRE UM PERCURSO FORMATIVO Rafaela Oppermann Miranda	123
DE NARCISO À DRACARYS Rafael da Cruz Freitas	127
UM POEMA DE CADA VEZ Tatiel Zart	129
UM PERCURSO William Dahmer Silva Rodrigues	135
MINHA HISTÓRIA COMO PROFESSORA Zaira Marlusa Verardi	137
OS/AS AUTORES/AS	139

APRESENTAÇÃO

É com muita honra que apresento esta obra, formada por textos de pós-graduandos e pós-graduandas do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo que cursaram, em 2023, a disciplina de Estágio de Docência I, e por textos de pessoas de suas relações com relatos expressivos na área da docência. Além desses textos, em formato de relatos, compõe a obra importante reflexão do professor Altair Alberto Favero, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Passo Fundo.

Nosso objetivo com essa proposta é promover a reflexão sobre o ato humano de se tornar professor, a partir de relatos particulares, marcados pela subjetividade. Em sua realização, o conceito de experiência, na concepção de Jorge Larrosa, e tão bem discutido pelo professor Altair, no capítulo produzido nesta obra, ganha destaque. A ideia de uma publicação marcada pela emoção e pela descoberta de si foi ganhando forma nas aulas da disciplina por mim conduzida, quando percebemos que, apesar de nossas individualidades, tínhamos características em comum. Essas características expressam nossa relação com a docência e revestem nossa existência de sentimentos que merecem destaques porque expressam nossa humanidade.

Ser professor nos anos 2023, 2024 e buscar num curso de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado, possibilidades de aprimoramento da sua prática é um desafio. Mas esse desafio é mais facilmente transposto quando se vivenciam as dores e os prazeres do ofício na coletividade, e essa obra é um exemplo disso.

Registramos nossos agradecimentos: a cada autor, a cada autora que se deu a conhecer com sua narrativa; ao professor Altair, pela reflexão compartilhada; à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, na figura da professora Claudia Stumpf Toldo Oudeste, pelo apoio sempre concedido; à Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, pelo financiamento da obra, via Programa de Apoio à Pós-Graduação - PROAP.

Desejamos excelente leitura!

Marlete Sandra Diedrich

Professora da disciplina de Estágio de Docência I do
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de
Passo Fundo - Ano 2023.

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ENTRE A BARBÁRIE E A CIVILIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Dr. Altair Alberto Fávero

Foi com imensa alegria e honra que recebi o convite generoso de minhas colegas de Docência Universitária, Dra. Marlete Sandra Diedrich e Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste para escrever este capítulo. Convite aceito, me disponho neste texto a dividir com os leitores algumas reflexões que têm acompanhado meus estudos no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (Gepes), do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Passo Fundo (PPGEdu/UPF) e principalmente minha experiência de mais de 15 anos trabalhando com a disciplina de Estágio Docência no PPPGEdu e, mais recentemente, trabalhando também com diversos outros Programas de Pós-Graduação da UPF com essa mesma disciplina, além de acompanhar e coordenar os Estágios Docência II e III em todos esses Programas.

O Estágio Docência é parte obrigatória da formação do pós-graduando e obrigatório para os alunos beneficiários de bolsas concedidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) aos programas Acadêmicos de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. As Portarias Capes nº 76, de 14 de abril de 2010 (Brasil, 2010), Capes nº 181, de 18 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), Capes nº 149, de 1º de agosto de 2017 (Brasil, 2017) e Capes nº 73, de 6 de abril de 2022 (Brasil, 2022), definem os critérios e procedimentos relativos à realização das atividades de Estágio Docência nos programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, o que fez com que o Estágio Docência fosse ofertado e realizado de forma compulsória pelos alunos bolsistas. Para além da obrigatoriedade, trabalho neste ensaio a ideia de que ele pode se tornar uma importante e produtiva experiência formativa.

Na introdução do *Educar o Educador: reflexões sobre formação* (Fávero; Tonieto, 2010), livro autoral que escrevi com Carina Tonieto, parceira de pesquisa há mais de duas décadas e que divide comigo a coordenação do Gepes desde 2014, escrevemos sobre a centralidade da formação de professores no debate contemporâneo das pesquisas em educação. Citando Savater (2000, p.17), ressaltamos que “em qualquer educação, por pior que seja, há suficientes aspectos positivos para despertar em quem a recebeu o desejo de fazer melhor com aqueles pelos quais depois será responsável”. Isso nos remete ao desafio de pensar e reafirmar processos educativos que sejam capazes de oportunizar às novas gerações uma experiência formativa para que possam ser melhores do que a geração que nos precedeu.

Quase 15 anos nos distanciam dessas reflexões. No entanto, os questionamentos que escrevemos naquele livro, continuam atuais e provocativos para pensar essa terceira década do século XXI: De que forma é possível pensar e projetar um processo educativo na Educação Superior que seja capaz de produzir nos futuros profissionais um compromisso ético com a civilidade, com o bem viver, com os cuidados amplos com o bem comum? A educação deve preparar pessoas para competir em uma sociedade de mercado cada vez mais sedenta de lucros ou deve formar seres humanos completos, capazes de ser sensíveis aos problemas humanos fundamentais, as ameaças climáticas que colocam em risco não só a vida humana, mas também a sustentabilidade do planeta? A formação universitária deve preparar para um emprego ou preparar para ser um cidadão digno e virtuoso, que seja sensível aos problemas sociais e as dores humanas dos que foram excluídos da mesa farta do consumismo? Nos termos de Savater (2000, p.18-19) “é obrigatório educar todo mundo da mesma maneira, ou deve haver tipos diferentes de educação, conforme a clientela a que tais tipos sejam destinados?” Mais ainda, “a obrigação de educar é assunto público ou questão privada? Por que há de ser obrigatório educar?”.

Os amplos e complexos questionamentos nos instigam a concordar com a provocação de Bernard Charlot (2020) quando, no

título do seu livro recente, pergunta: *Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea*. Sua tese é de que se torna urgente reintroduzir a questão antropológica na educação contemporânea. Saber quem é o ser humano que está na escola ou na universidade pode vir a ser um campo fértil e produtivo para enfrentar a barbárie que se faz presente “em qualquer situação, encontro, relação entre humanos na qual um nega a humanidade do outro”, pois “aquele que nega a humanidade do outro, rompe o vínculo de pertencimento a um mundo comum e, ao mesmo tempo, coloca a si próprio fora da humanidade: a barbárie é contagiosa” (Charlot, 2020, p.14). Historicamente os “bárbaros” foram rotulados como os seres rudes em oposição aos “civilizados”. Nos processos de colonização e conquista, os bárbaros eram os nativos, os que possuíam outras crenças e costumes; na intenção de “civiliza-los” foram barbarizados por meio da tortura, das matanças, da escravidão. Em nome de uma ideia pronta e definitiva de ser humano, foram barbarizados todos aqueles que possuíam os mesmos traços dessa ideia. Foram necessárias décadas de lutas para que a barbárie, promovida na justificativa de “desbarbarizar os bárbaros”, pudesse ser percebida e enfrentada como um processo desumano contra povos e culturas diferentes. A educação foi e talvez continue sendo um desafio e peça chave para enfrentar a barbárie que sempre rondou e continua rondando as práticas sociais, que na intenção de civilizar os bárbaros, os incultos e os excluídos, promovem as mais agressivas formas de “barbarização”.

Para Charlot (2020, p.15), embora “o processo de civilização consistiu em universalizar a definição de ser humano e os direitos fundamentais que ela pudesse defender”, a barbárie nunca desapareceu completamente, se fez e continua se fazendo presente por meio das diversas perversidades que persistem em se realizar nos diversos formatos de genocídios, chacinas e maldades cometidas contra pessoas pobres, indefesas, fragilizadas, na maioria das vezes, por sistemas políticos e econômicos que continuam aumentando a desigualdade social. Nos termos de Charlot (2020, p.15), “multiplicam-se os índices do que podemos

considerar como um retorno à barbárie: terrorismo, bombardeios aos civis, obstáculos ao salvamento de imigrantes, confisco de filhos de imigrantes clandestinos, criação de grupos criminosos, [...]”. A lista poderia ser extensa, o que mostra a atualidade do tempo e a necessidade de tal problemática ser pensada não só na formação de futuros mestres e doutores de uma área específica, mas primordialmente na formação de professores de todos os níveis de ensino. Afinal, se a educação ainda tem algum espaço e tempo de importância no atual estágio civilizatório, combater as formas de barbárie que se manifestam em distintos lugares e ações constitui uma das suas principais tarefas. Concordando com Adorno (2000, p.119), “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. [...] Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita”. A barbárie não acontece apenas nos campos de extermínio ou na truculência das guerras. Ela se manifesta e pode ser fazer presente nas manifestações fascistas, na violência contra as mulheres, nos feminicídios, estupros, perseguição aos imigrantes, misoginia, racismo, xenofobia, aporofobia e tantas formas perversas de convivência humana que nos torna piores, menos humanos e mais perversos.

O presente capítulo tem por escopo contribuir com algumas reflexões sobre o tornar-se professor universitário, indicando alguns desafios que se apresentam aos docentes da educação superior e seu processo de formação no Estágio Docência. O capítulo, além da introdução e das considerações finais, está estruturado em três seções: na primeira seção procura realizar um diagnóstico da formação docente a partir da “lógica excesso-pobreza” que produzem processos de barbarização; na segunda seção, esboça alguns aspectos ligados às contradições que vive o docente universitário que se torna “um trabalhador da contradição”; na terceira seção, são apresentadas algumas reflexões sobre o papel do Estágio Docência como oportunidade de vivenciar uma experiência formativa.

A lógica excesso-pobreza e a formação docente

As reflexões do professor e pesquisador português António Nóvoa (1999), em seu artigo “Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas”, são assertivas na denúncia da “lógica excesso-pobreza”: de um lado o excesso dos discursos, da retórica política, das linguagens dos especialistas, do discurso científico-educacional, das “vozes” dos professores; do outro lado, está a pobreza das práticas, das políticas educativas, dos programas de formação de professores, das práticas pedagógicas, das práticas associativas docentes. Interessante notar que o excesso se dá no âmbito das palavras, na multiplicação de discursos, no exagero da retórica, na infinidade dos que falam em nome dos professores; a pobreza, por sua vez, apresenta-se no âmbito da prática, na efetivação das políticas educativas, na execução de programas de formação de professores bem planejados e condizentes com a realidade, no fazer das práticas pedagógicas e na capacidade de mobilizar práticas associativas entre os docentes. O dito popular “falar é fácil, fazer é mais difícil e complicado” traduz, de certa forma, essa lógica excesso-pobreza”.

Não se trata aqui de dizer que há uma oposição entre “discursos” e práticas”, ou de que um nega completamente o outro, ou ainda, que só deveria ter “práticas” e que estas seriam melhores sem os “discursos”. Conforme argumenta Nóvoa (1999, p.13), os “discursos induzem comportamento e prescrevem atitudes *razoáveis e correctas*” bem como “constroem uma ideia da profissão docente que, muitas vezes, não corresponde à intencionalidade declarada”. Assim, presencia-se o excesso de retórica política em prol da importância dos professores para promover o civismo e a formação dos profissionais para mercado de trabalho, ao mesmo tempo que as condições de trabalho de remuneração desses mesmo professores são cada vez mais precarizadas. A pobreza das políticas educativas se faz sentir todos os dias, não só nas condições de trabalho e na péssima remuneração, mas também na forma como são frequentemente atacados os professores como sendo mal formados,

mediócreres ou ideologicamente doutrinadores. Com isso, instaura-se um círculo vicioso de forma que os cursos de formação inicial de professores (licenciaturas) não se tornam mais atrativos para jovens que tem um bom desempenho escolar. Estes escolhem outras profissões mais rentáveis e com maior status social. Por consequência, os poucos alunos que ainda optam pelos cursos de licenciatura, além de possuírem profundas e visíveis lacunas em sua formação de educação básica, estão sobrecarregados por uma longa e mal remunerada jornada de trabalho fazendo com que muitos deles desistam de seus cursos ou, quando conseguem chegar até a formatura, carregam consigo a marca de uma precária formação.

A fragilidade decorrente do círculo vicioso da formação produzida nas instituições universitárias, contraposta às exigências de que a educação tem de preparar profissionais de alto performance para o mercado de trabalho abre espaço para o excesso dos discursos dos especialistas ligados aos organismos internacionais que passam a semear soluções prospectivas mágicas com linguagens sedutoras. “Sociedade educativa”, “sociedade aprendente”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade da inovação”, “sociedade criativa”, “educação tecnológica”, “aprendizagem baseada em problemas” são algumas das promessas que se fazem presentes nos documentos destes organismos e que inflacionam seu papel de protagonistas para induzir ou ditar as agendas das políticas educacionais. Embora tais documentos explicitem a “centralidade dos professores” dizendo que é necessário “trazer outra vez os professores no *centro* dos processos sociais ou econômicos”; “os professores têm de voltar para o centro das estratégias culturais”, “os professores são os profissionais mais *relevantes* na construção da sociedade do futuro”, “os professores estão no *coração* das mudanças” (OCDE, 1998), são especialistas, a maioria dos quais não possui formação em educação, que ditam como devem ser esses professores, como deve ser sua formação e quais deverão ser suas características. Na prescrição de tais especialistas, a educação tem de estar centrada em “sistemas rigorosos de avaliação” (“acreditação” é o nome

utilizado nos documentos) a fim de garantir a qualidade educativa. Assim, denuncia Nóvoa (1999, p.14), “consolida-se um ‘mercado da formação’, ao mesmo tempo que se vai perdendo o sentido da reflexão experiencial e da partilha de saberes profissionais”. A formação tornou-se negócio para enriquecer grupos econômicos que usam a formação (treinamento) de professores uma forma de ganhar muito dinheiro, inclusive com recursos públicos.

A lógica excesso-pobreza também tem sua materialidade na tensão entre pesquisadores e professores na educação básica. O crescimento da pós-graduação no Brasil nas últimas duas décadas, impulsionadas pelas políticas governamentais implantadas de modo especial pela Capes, fez com que milhares de investigadores na área da educação passassem a produzir uma quantidade expressiva de dissertações, teses, artigos, coletâneas e trabalhos científicos apresentados em dezenas de eventos altamente reconhecidos pela comunidade científica. São pesquisas que problematizam temáticas recorrentes no campo da formação de professores e que certamente poderiam trazer diversas contribuições para o campo das práticas. No entanto, aqui também se faz presente os “excessos” e as “pobrezas”. Excesso de produtividade dos pesquisadores destinada a dar conta das exigências de avaliação da Capes; pobreza na apropriação desta produção por parte dos professores que estão no cotidiano das escolas públicas da educação básica que se veem cada vez mais atarefados, sem tempo para estudar e refletir sobre suas práticas; excessos de “responsabilização” dos professores pelo péssimo desempenho dos alunos; pobreza nos investimentos públicos para a formação de professores das escolas públicas; excessos de “mal-estar” docente que se sente “refém da má qualidade de ensino que ele próprio recebeu” (Zagury, 2006); pobreza na forma simplificada como os mercenários da educação apresentam as soluções para enfrentar a formação de professores; excessos de individualismo e competição; pobreza de práticas solidárias e cooperativas de estudo e de planejamento; excessos de plataformas digitais e

soluções midiáticas; pobreza de estudos coletivos e interações com a comunidade escolar.

No fio argumentativo deste capítulo, é possível dizer que tanto o excesso de controle, de burocratização, de autoritarismo, de instrumentalização, de acusações, de soluções midiáticas, de produtividade, assim como a pobreza das práticas, das políticas educativas, dos programas de formação de professores, das práticas pedagógicas, das práticas associativas docentes, das práticas solidárias e colaborativas produzem certas formas de barbárie e processos de barbarização. Para além de encontrar culpados ou de naturalizar as problemáticas complexas do Ensino Superior, torna-se importante compreender os processos de contradições que vive o docente universitário na lógica excesso-pobreza dos tempos atuais.

Docente universitário: um trabalhador da contradição

No Dicionário de Língua Portuguesa, contradição é definida como “incoerência entre afirmação ou afirmações atuais e anteriores, entre palavras e ações” (Ferreira, 1986, p.466). No Dicionário de filosofia, contradição é a ação de afirmar algo contrário ao anteriormente afirmado. A contradição dá-se na oposição do sim e do não e consiste na relação que existe entre a afirmação e a negação da presença de um atributo na mesma coisa, no mesmo tempo e sob a mesma espécie (Santos, 1965). As definições de ambos os dicionários são oportunas para avançar nas reflexões que se seguem sobre a ideia de que o docente universitário tornou-se um trabalhador da contradição. O que isso significa? Por que um trabalhador da contradição? Que relação existe entre ser um trabalhador da contradição com o processo de barbarização decorrente da lógica excesso-pobreza apresentado na seção anterior?

Em seu escrito “O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição”, Charlot (2013, p.16-20) diz que tanto “a escola quanto o professor estão na encruzilhada das

contradições econômicas, sociais e culturais”. Tais contradições se fazem sentir quando a escola e a universidade vivem espaços de concorrência entre crianças e jovens, quando os espaços formativos já não conseguem entregar e atender as expectativas dos que chegam (crianças, jovens e adultos), quando “os professores sofrem novas pressões sociais”, quando “são cada vez mais numerosas as pessoas diplomadas [que se sentem] aptas a ensinar”, quando a “sociedade tende a imputar aos próprios professores a responsabilidade dessas contradições”. Assim, o professor vê-se cada vez mais mergulhado no mar de contradições que se materializam nas gigantescas “exigências de eficácia e qualidade da ação e produção social”, na imposição da “lei de mercado” como sendo o melhor meio, quando não o único, “para alcançar eficácia e qualidade”, nas privatizações cada vez mais intensas que estão transformando o bem público da educação em mercadoria que pode ser vendida e comercializada, nas transformações da profissão docente que deixa de ser um professor-mestre para tornar-se um empreendedor de si mesmo (Fávero, Vieira e Estormovski, 2022).

Para Charlot (2023, p.20), “a contradição radical da sociedade capitalista contemporânea” é uma das contradições mais intensas e agressivas que o professor precisa enfrentar. A sociedade capitalista produz um discurso que a educação necessita formar “trabalhadores reflexivos, críticos, responsáveis, autônomos”; mas ao mesmo tempo promove um modelo educacional que estimula e promove “uma concorrência generalizada, em todas as áreas da vida”, um modelo educativo baseado em avaliações padronizadas, uma competição doentia entre os pares, um consumismo desenfreado e irresponsável. “O professor”, diz Charlot (2023, p.20), “encarna essa contradição radical: sonha em transmitir saberes e formar jovens, mas vive dando notas a alunos”. A contradição entre a promessa e a efetivação nas ações, entre o discurso e a prática, entre o que se diz e o que se faz são indicativos do porquê o professor universitário tornou-se um trabalhador da contradição.

As contradições não podem ser enfrentadas e superadas se não forem percebidas, identificadas, compreendidas e reconhecidas. No campo educacional, elas surgem das constantes tensões mal resolvidas que ocorrem no próprio processo de educar e ensinar. O enfrentamento das contradições não é tarefa fácil e simples de resolver. Exige tomada de consciência, compreensão conceitual, processos individuais e coletivos de estudo, referenciais teóricos que sejam capazes de iluminar o campo fértil das contradições. Charlot (2013, p.21) ressalta que “as contradições são, ao mesmo tempo, estruturais, isto é, ligadas à própria atividade docente, e sócio-históricas, uma vez que não moldadas pelas condições sociais do ensino em certa época”. A título de ilustração, tomo emprestados alguns exemplos do cotidiano para mostrar as tensões e contradições que são produzidas nos processos de formação de professores.

O primeiro exemplo situa-se num imaginário quase fictício de um professor idealizado (professor herói) que frequentemente é descrito por palestrantes famosos que são contratados por redes de ensino da educação básica ou por instituições de ensino superior para “motivar” seus professores para serem inovadores e criativos diante dos novos desafios que se apresentam no processo de ensinar e educar as novas gerações. Geralmente são palestrantes que falam a uma suposta plateia de professores heróis que têm em suas mãos a “santa e imaculada” tarefa de encantar os jovens para a busca do conhecimento e para o desenvolvimento de competências e habilidades imprescindíveis para os novos tempos. Para Charlot (2023, p.21) “o professor herói é o Eu Ideal coletivo que possibilita às professoras aguentarem o seu trabalho cotidiano”, ao mesmo tempo que do lado das instituições que promovem esse tipo de formação, “ele [o professor herói] é a prova de que ‘isso é possível’, que quem quer mudar mesmo, pode”.

Enquanto os discursos pedagógicos promovidos por Instituições Formativas (muitas delas lucrativas, que transformam a formação numa mercadoria para ganhar dinheiro) disseminam uma imagem de “professor herói”, o docente que vive o cotidiano

da sala de aula sente-se vítima de um sistema educacional que paga mal, não lhe dá reconhecimento social, vê suas condições de vida e de trabalho cada vez mais precarizadas e muitos deles desistem da profissão. Para Charlot (2013, p.22) “o professor tem consciência de estar preso a discursos contraditórios”; no entanto “ele [o professor] interpreta essas contradições em termos pessoais, ainda que entenda que são ligadas a transformações sociais”; e, como consequência, “essa situação gera vitimização, indignação e desmobilização profissional”. Essa contradição entre o discurso imaginário de um “professor herói” e a realidade de um “professor vítima” produz uma barbarização da profissão docente, pois os professores se sentem cada vez mais enfraquecidos e despossuídos de ferramentas intelectuais, pedagógicas, emocionais e psíquicas para enfrentar as inúmeras contradições que encontram em seu cotidiano de trabalho.

O Estágio Docência como Experiência Formativa

Gosto de pensar e trabalhar com a ideia de que o Estágio Docência não pode ser visto como uma obrigatoriedade que a Capes determina para seus bolsistas ou como uma formalidade que os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* exigem de seus mestrandos e doutorandos, ou ainda, uma atividade qualquer que se faça porque é obrigatório fazer. O Estágio Docência pode se constituir numa oportunidade de formação, de estudo, de vivências, de “olhar-se no espelho” como professor ou futuro professor, para revisar quem somos ou o que queremos ser. O Estágio Docência pode ser um tempo e espaço de pensar os complexos e problemáticos desafios que o Ensino Superior precisa enfrentar no atual cenário educacional carregado de contradições e atravessado permanentemente pela lógica dos excesso-pobreza. Defendo o posicionamento pedagógico e epistemológico de que o Estágio Docência pode ser compreendido como uma *experiência formativa* de inestimável grandeza e como locus de reflexão e teorização do fazer docente. O que isso significa? Quais os

argumentos que sustentam esse posicionamento? Que referenciais teóricos poderiam ser reivindicados para qualificar este posicionamento?

A ideia do Estágio Docência como experiência formativa já foi brevemente apresentada num escrito recente (Fávero; Bortolini; Trevizan; Mikolaiczik; Velho, 2024, p.54) construído por várias mãos com a intenção de “traduzir por escrito as vivências, os encontros, as aprendizagens, as interações, as conquistas, as dificuldades, os conhecimentos, os relatórios, as observações, as leituras, as correções e memórias de aula” produzidas numa experiência que envolveu estagiários da graduação em filosofia e estagiárias do mestrado e doutorado (minhas orientandas) do PPGedu/UPF no ano de 2023. No referido texto, utilizamos a expressão “experiência filosófica formativa”, utilizando de forma explícita a expressão “experiência educativa” do americano John Dewey (1859-1952) que no seu livro *Experiência e Educação* (1979) defende que a educação não é um progresso que se limita ao âmbito formal da escolarização, mas que acontece também nas interações cotidianas normais e das vivências pessoais. Para Dewey (1979), o que diferencia uma experiência educativa de uma experiência não educativa (deseducativa) é a dimensão da continuidade e da interação. Experiência deseducativa é aquela que se esgota nela mesma e não provoca novas experiências enquanto que a experiência educativa é aquela que resulta no desejo de dar continuidade, ou seja, de continuar realizando experiências. Sendo assim, “exercícios mecânicos de repetição, práticas de ensino que visam fixar hábitos de controle comportamental ou mesmo treinamentos de habilidades funcionais podem resultar em experiências deseducativas na perspectiva deweyana” (Fávero; Bortolini; Trevizan; Mikolaiczik; Velho, 2024, p.54-55).

Tomando de empréstimo a distinção deweyana, é possível dizer que o Estágio Docência que os mestrandos e doutorandos realizam pode resultar tanto em experiência educativa quanto em experiência deseducativa. A experiência educativa acontece quando o estagiário não consegue realizar um processo reflexivo

sobre a própria experiência, quando a realização do estágio se resume a dar conta de uma formalidade ou exigência institucional, ou ainda, quando o acontecer do estágio segue um protocolo técnico de procedimentos mecânicos depreendidos de situações assimiladas de forma instrumental. É deseducativa a experiência de Estágio que o mestrando(a) ou doutorando(a) realiza como tarefa obrigatória para dar conta do requisito protocolar para concluir seu curso de pós-graduação. Concebido dessa forma, o Estágio Docência torna-se algo enfadonho, desgastante, insuportável, sem sentido. Por isso produz uma experiência deseducativa. De outra parte, se o estagiário concebe a realização do Estágio Docência como uma oportunidade de compreender melhor a si mesmo, de perceber suas potencialidades e limitações didático-pedagógicos, de avaliar seu domínio epistêmico sobre os conhecimentos programados para serem ensinados e aprendidos, de exercitar suas capacidades de interação pedagógica junto aos alunos, de perceber que o processo educacional é uma arte que pode ser aperfeiçoada por meio do exercício reflexivo de planejamento/execução/avaliação da prática docente, então, sim, a realização do Estágio Docência pode constituir-se numa experiência educativa.

Na intenção de avançar na argumentação do posicionamento epistemológico e pedagógico de que o Estágio Docência pode se constituir uma experiência formativa promissora, penso que é importante dar melhor visibilidade ao conceito de experiência. Para tanto, me sirvo de algumas reflexões de Larossa (2016), que, inspirado nos escritos de Walter Benjamin, escreve algumas “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. Para Larossa (2016, p.18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Não se trata de um acontecer natural, de uma ordem mecânica dos acontecimentos, mas uma experiência que de fato “nos toca”, “nos acontece”. Muitas coisas acontecem todos os dias, mas possivelmente poucas realmente “nos tocam”, nos implicam, produzem em nós um processo formativo. Em seu célebre texto “A pobreza da experiência”, Benjamin já havia denunciado que, no

nosso mundo, se passam muitas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Larossa (2016, p.18-24) indica quatro fatores que tornam “a experiência cada vez mais rara”: a) “o excesso de informação”; b) “o excesso de opinião”; c) a “falta de tempo”; d) o “excesso de trabalho”. Vejamos rapidamente esses quatro fatores seguindo os argumentos do próprio Larossa. O excesso de informação “não deixa lugar para a experiência”, pois “o sujeito da informação sabe muitas coisas”, tem “obsessão pela informação e pelo saber”. No entanto, o excesso de energia para estar sempre bem informado, faz com que “nada lhe aconteça”, pois “a informação não é experiência” e “ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”.

O “excesso de opinião” constitui-se num fator que torna a experiência cada vez mais rara porque “ter uma opinião” sobre tudo “converteu-se em um imperativo”. Assim, “a aliança perversa entre informação e opinião” acaba ocupando “todo o espaço do acontecer” e assim temos “o sujeito individual” que nada mais é do que “o suporte informado da opinião individual”, bem como “o sujeito coletivo” que não é outra coisa senão “o suporte informado da opinião pública”. Ambos os sujeitos são incapazes de experiência, pois são fabricados e manipulados “pelos aparatos da informação e da opinião”. Informados sobre qualquer coisa opinamos, e reduzimos o “opinar” em ser contra ou a favor de alguma coisa (Larossa, 2016, p.20-21).

A “falta de tempo” é outro fator que torna a experiência cada vez mais rara. Como diz Larossa (2016, p.22) “tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa”. A velocidade dos acontecimentos, o imperialismo do estímulo fugaz e instantâneo da excitação, a obsessão pela novidade, “impede a conexão significativa entre acontecimentos”, impede a memória, a permanência e o processo reflexivo do acontecer. “Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que

tem sempre de aproveitar o tempo” e, por isso, não consegue fazer do tempo escolar, um tempo de experiência formativa (Larossa, 2016, p.23).

O “excesso de trabalho” é o quarto fator que torna a experiência cada vez mais rara. Na argumentação de Larossa (2016, p. 23-24), este fator é importante “porque às vezes se confunde experiência com trabalho”. O famoso clichê de que na universidade se estuda a teoria e no trabalho se adquire experiência. As últimas reformas têm se tornado comum esse clichê: é necessário deixar os cursos universitários menos acadêmicos, teóricos, conteudistas e aproveitar “formas de contagem de créditos para a experiência e para o saber da experiência adquirido no trabalho”. A própria ideia de contagem de créditos da experiência para contabilizar na formação dos estudantes é equivocada, pois além de ser uma transformação do “tempo de experiência” em mercadoria, “em valor de troca”, empobrece o sentido de experiência reduzindo-o a um simples fazer mecânico.

Compreender o Estágio Docência como experiência formativa significa em primeiro lugar não trata-lo simplesmente como uma obrigação, como uma contagem de crédito, como um requisito exigido pela Capes para os bolsistas. Também não pode significar um treinamento de técnicas didáticas que são ministradas por algum professor mais experiente que “ensina” ou “treina” os mestrandos e/ou doutorandos a serem professores nos respectivos cursos de graduação que vão atuar como professores do Ensino Superior. Seguindo as reflexões de Larossa (2016, p. 25), o Estágio Docência pode constituir uma experiência formativa se ele for “algo que nos aconteça, algo que nos toque”, algo que nos transforme, nos instigue e nos mobilize. Mas para isso são necessários alguns requisitos básicos: ter tempo para parar, para pensar, para olhar, para escutar, para estudar. Parar, pensar, olhar, escutar e estudar com paciência, para que se possa vivenciar o que se está fazendo. Parar para sentir, para observar os detalhes, para suspender as opiniões e preconceitos apressados, para suspender juízos pré-formatados, para suspender as ações mecânicas do

piloto automático, para cultivar a atenção, a delicadeza, a arte do encontro e a oportunidade de tornar-se um professor melhor.

Considerações Finais

Conceber o Estágio Docência como uma experiência formativa intencional de tornar-se um professor melhor não pode ser tratado como uma certeza, mas como uma viagem, uma “travessia” que envolve perigos, tensões, exposições, autoconhecimento, cuidado, investimento e determinação. “Travessia e perigo” são as dimensões compilados por Larossa (2016, p.27) para expressar a palavra “experiência” nas línguas germânicas (*Erfahrung e gefährden*) e latinas (*periri e periculum*). “O sujeito da experiência”, diz Larossa (2016, p.26), “tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”. Colocar-se no Estágio Docência na perspectiva da “experiência” é colocar-se diante dos perigos de uma travessia, aberto à sua própria transformação que muitas vezes surge de situações de sofrimento, de padecimento, de incertezas, de angústias, de dificuldades. Nesse sentido, o Estágio Docência concebido metaforicamente como “travessia perigosa de uma viagem” transforma o viajante em um sujeito que é capaz de se colocar no lugar do outro que está aprendendo (seus alunos), bem como torna-se sensível para dar-se conta que não sabe tudo e que também é sujeito aprendente.

Por fim, para que o Estágio Docência possa se constituir numa oportunidade de experiência formativa é necessário que aconteça mobilizado por “uma lógica da paixão”, por “uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional” (Larossa, 2016, p.28). O que isso significa? Por que uma lógica da paixão e uma reflexão do sujeito passional sobre si mesmo? Paixão, como ressalta Larossa (2016, p.39), pode significar muitas coisas: “sofrimento ou padecimento”, “certa heteronomia ou certa responsabilidade em relação ou outro”, “uma liberdade dependente”, “uma experiência de amor”. Todos estes significados são elucidativos para

compreender o Estágio Docência que tem a pretensão de tornar-se uma experiência formativa. Realizar um bom Estágio Docência implica em esforço, atenção, tempo, dedicação, padecimento, um certo tipo de sofrimento. Quem não tem um certo desconforto quando vai enfrentar o primeiro dia de aula com um grupo de alunos que ainda não sabe como vão reagir diante da proposta pedagógica de trabalho? Quem não ente as mãos úmidas ou frias quando entra na sala de aula para exercer a docência?

Realizar um bom Estágio Docente implica um “responsabilidade” com os diversos outros do processo: os alunos, o professor titular e/ou orientador, o programa de pertencimento, a Capes, o dinheiro público de sua bolsa, os componentes curriculares que necessitam ser ensinados e aprendidos, a instituição acolhedora, a tradição acadêmica. Enquanto seres sociais, pertencentes a um universo que congrega um conjunto de instituições, realizar o Estágio Docência evolve uma paixão heterônoma ou uma espécie de liberdade dependente, muitas vezes condicionada por pressões institucionais, por protocolos burocráticos, mas que pode transformar-se em uma “experiência formativa”, de afirmação de uma identidade docente, de autoconhecimento e de realização pessoal.

Por fim, o Estágio Docência na “lógica da paixão” pode transformar-se numa “experiência de amor” no sentido profundo do termo. Como diz Larossa (2016, p. 29), trata-se de um amor “pensado como posse e feito de um desejo que permanece desejo e que quer permanecer desejo, pura tensão insatisfeita, pura orientação para um objeto inatingível”. Não há um ponto final, conclusivo, plenamente satisfeitos na experiência do amor, pois “o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio”. É esta experiência de amor que nos faz continuar, que nos provoca, nos inspira e nos torna professores que tem a responsabilidade de “educar humanos por humanos para o bem da humanidade” (Nóvoa, 2018, p. 16).

Referências:

- ADORNO, Theodoro. **Educação e emancipação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2000.
- BOTO, Carlota. António Nóvoa: uma vida para a educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.44, e201844002003, p.1-24, 2018. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201844002003>
- CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez, 2020.
- CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. In: D'AVILA, Cristina Maria (org.). **Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo**. 2 ed. Curitiba: CRV, 2013, p.15-36.
- FÁVERO, Altair Alberto; BORTOLINI, Bruna de Oliveira; TREVIZAN, Catiane Richetti; MIKOLAICZIK, Daniê Regina; VELHO, Priscila Campos. O Estágio como experiência filosófica formativa: em defesa da escola pública contra certos discursos pedagógicos. In: CASAGRANDA, Edison Alencar; DARROZ, Luiz Marcelo; BORDIGNON, Luciane Sanhol (orgs.). **Estágios nos cursos de licenciatura: Experiências e práticas docentes**. Passo Fundo: Editora UPF, 2024, p.54-76.
- FÁVERO, Altair Alberto; VIEIRA, Ana Lúcia; ESTORMOVSKI, Renata Cecília. A redução do papel do professor-mestre à condição ilusória de empreendedor. **Roteiro**, Joaçaba, v.47, jan./dez., e28387, p.1-23, 2022.
- FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. **Educar o Educador: reflexões sobre formação docente**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NÓVOA, António. O professor na vidada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.25, n.1, p.11-20, jan./jun, 1999.

SANTOS, M. F. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. 3 ed. São Paulo: Matese, 1965.

SAVATER, Fernando. **O valor de Educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZAGURY, Tania. **O professor refém**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ELA, ELE, EU

Anderson Potrick

PARTE I

Era uma vez um menino que morava no interior de sua cidade. Enquanto crescia, podia desfrutar de diferentes experiências no lugar em que morava. O menino crescia e o momento de ir para a escola se aproximava, ele era obrigado a estudar a partir do ano que completasse seis anos.

Antes de começar a estudar, brincava com sua prima de diferentes formas, era diferentes coisas. Foi espião, costureiro, super herói e até treinador de Pokémon. Mas uma brincadeira em especial fazia os olhos do menino brilhar, ele brincava de ser estudante! A prima era professora e ele o aluno. Foi ela, com os livros sobre as princesas, que ensinou o menino a ler e a escrever.

O menino não sabia, mas aquela relação com os livros seria muito importante no seu futuro. Como? Logo vamos descobrir. O menino e a prima moravam em casas vizinhas no interior e costumavam trocar de casas quando um prato de almoço ou jantar fosse um que eles apreciassem. Batata frita e pizza eram os principais pratos que faziam com que um fosse almoçar ou jantar na casa do outro. Certa noite, logo após o jantar na casa do menino, com a companhia da prima, ele começou a passar mal. Ele ainda era muito novo, mas lembra dessa noite até hoje, a noite em que sua mãe o levou para a cama e mesmo com as dificuldades de leitura que tinha, com a ajuda da prima, confortou o filho com a história da Pequena Sereia.

O início da escola foi difícil. O menino, que havia aprendido a ler, escrever e a contar com a prima, que adorava brincar de aluno, que guardava cada caderno do Mickey com as atividades passadas pela prima, não gostava da escola. Ele não embarcava no

ônibus sem que a mãe ou a nona (era assim que chamava a avó) entrassem com ele. Ou elas iam para a escola junto, ou ele chorava. Para não ver o menino chorar, a nona sempre o acompanhou. Enquanto isso, usava as tardes para fazer crochê, conversar com as atendentes e professoras. Com seis meses passados, todo mundo entendeu que precisavam para com aquela rotina. O menino precisava crescer (talvez pela primeira vez).

Então, sem que o menino soubesse, uma rede de planos complexos foi feita pela família e pelo motorista do ônibus. Não tão complexos, mas para o menino de seis anos tudo foi surpreendente e inesperado. Numa segunda-feira, o combinado foi que ele sentaria perto do motorista e seria acompanhado por uma tia distante que também usava o transporte. Deu tudo certo. O combinado seria que no dia seguinte aconteceria a mesma operação. A tia esperaria no ônibus para acompanhá-lo. Não foi o que aconteceu. Quando percebeu a mentira construída, entrou em desespero, mas o motorista acalmou o menino, prometendo um presente se não chorasse naquele dia. O menino não chorou. Ganhou uma pulseira de seu time. Adorou a escola.

PARTE II

Conforme o tempo passava, o menino gostava cada vez mais da escola. Mas o lugar mais especial era a biblioteca. Foi lá que ele descobriu a Turma da Mônica e se apaixonou ainda mais pela leitura. Mas não foi só disso que a escola serviu. Foi a partir dela que ele descobriu que adorava escrever, mais do que ler. Enquanto crescia e conversava com seus colegas, passou a perceber que tinha alunos e professores que liam no tempo de espera pelo ônibus depois da escola. O menino, então, começou a pensar se ele não gostaria de ler também.

Ele viajou, junto com sua escola, para a Jornadinha de Literatura, em Passo Fundo. Lá, passou o dia com os amigos e rodeado por livros de diferentes histórias. O menino comprou seu primeiro livro (o primeiro de muitos, mas mal sabia ele). Leu o

Diário de um Banana em um dia, depois voltou para o espaço que mais gostava na escola, a Biblioteca. Agora, além do gibi da Turma da Mônica, retirava um romance por semana também. Assim foi, até ele crescer e poder comprar seus próprios livros, com histórias que contassem mais dele para ele mesmo.

Foi lendo um livro que o menino, agora um jovem, decidiu que faria faculdade de Letras. Ele adorava ler. Ele adorava escrever. Ele sempre ajudava os colegas explicando matérias e fazendo revisões para as provas. Achava que poderia ser professor. Ele tentou e conseguiu, foi ali que ele percebeu que para conseguir o que almejava precisaria da ajuda de várias pessoas, pois sozinho não conseguiria. Assim, se a prima abriu as portas das letras na infância, para conseguir estudá-las precisaria de ajuda de outras pessoas.

PARTE III

O jovem estudante de Letras não tinha internet em casa. Para conseguir se inscrever na bolsa para cursar a faculdade, contou com a ajuda de vizinhos. Para frequentar chats online de disciplinas EAD, contou com a ajuda de vizinhos. O sábado poderia ser de aula, mas ele sempre era recebido com almoço ou lanche para o tempo que passava lá. Depois, com a ajuda dos pais, ia para a casa de tias para baixar arquivos e outros materiais necessários. A Faculdade foi muito importante para o nosso jovem, era lá que debates interessantes aconteciam. Era lá que discussões que ele achava que encontraria apenas em seus livros, engrandeciam-no e tornavam-no melhor.

Tudo parecia funcionar bem. O jovem adorava a faculdade. Estudava literatura, linguística e gramática. Tantas teorias, ele ficava encantado em cada viagem que fazia de ônibus para a Universidade. Só que, então, algo inesperado aconteceu. Uma pandemia entrou em foco. Uma doença viral e super preocupante fez com que todas as pessoas ao redor do mundo tivessem que ficar em casa. Só podiam sair se fosse de extrema importância. As

aulas na Universidade foram canceladas presencialmente. E o tempo de isolamento fez com que diferentes sentimentos surgissem na cabeça do jovem estudante.

As aulas da Universidade voltaram de forma virtual, assim, todos os alunos conectavam-se através de um site durante o período da aula para estudar e compreender melhor os conteúdos e as teorias. Aquilo foi muito difícil para nosso jovem estudante. Ele já era um tanto inseguro, imaginem então sem poder acompanhar as aulas, uma vez que não tinha internet em casa?

Ele deu um jeito. Contou com a ajuda e compreensão de seus professores para que fizesse trabalhos à parte para que pudesse continuar a graduação. Leu muito mais, compreendeu muito mais, desesperou-se muito mais. No fim, deu conta. Ia para a casa das mesmas tias que já o ajudavam para baixar conteúdos. Precisou de um notebook novo, porque o seu ao longo do primeiro semestre de atividades remotas desligava enquanto escrevia as avaliações. No segundo ano da infundável pandemia, o garoto conseguiu internet em casa, podia, agora, participar das aulas.

No fim tudo deu certo. O jovem passou por essa parte difícil e sabia que nada mais impediria que estudasse. Quando as aulas voltaram, as noites nas aulas eram muito importantes. O jovem se encontrava com amigos e o tempo de estudos voava. Além disso, aquela interação importante, de troca de ideias e opiniões tinham voltado, o que o construiu além da literatura como ser humano e futuro profissional passaram por aquelas noites, e passariam, também, nas futuras manhãs. Assim foi, até o final. Enquanto estudava, o jovem se apaixonava ainda mais pela literatura. Ele adorava a linguística, mas aquela que o confortava havia tempo, era mais interessante.

Então, surgiu uma nova possibilidade: continuar estudando. E o jovem, agora nem tão jovem assim, começou seu mestrado. Mesmo com matérias de estudo com diferentes teorias e enfoques, ele podia pesquisar e escrever sobre sua amada, aquela que ele gostava desde a infância, a literatura. E aquilo que ele adorava, aquele engrandecimento tão importante está de volta. Ele

participa ativamente. Ele é professor. Ele entende que seus atos são potentes e ideológicos. A linguística, a sociedade e a literatura se uniram. Ele amadurece a cada dia, a cada aula. Não pensem que tem sido fácil. Tudo é corrido, tudo exige muito, mas ele segue feliz, porque quando se está com o que se ama, tudo vira festa. Tudo fica bom!

Assim, o menino que gostou da literatura, o jovem que se encontrou na literatura e o não tão jovem que entende seu lugar resultaram no hoje. No presente. Faço o que faço porque amo. Faço o que faço, porque sou isso. Sou professor e pesquisador. Sou literatura, ela me fez ser quem sou. Ela me fez mais do que formar um sujeito qualquer. Ela formou quem sou eu!

PASSOS DA EDUCAÇÃO NA VALSA DA VIDA

Caroline de Camargo Ribeiro

Os passos que aqui me atrevo a guiar assemelham-se, talvez, a uma valsa conduzida por dançarinos ainda amadores; todavia, nesse amadorismo mora o brilho da curiosidade e do desejo pelo futuro, algo que, na condição de docente recém-formada, me permitirá refletir sobre meus próximos movimentos nessa longa e prazerosa dança rumo à educação que almejo construir.

É preciso primeiro, no sentido anti-horário de meus passos, retornar ao lugar, ou melhor, às pessoas que me encantaram – se levarmos em conta que pessoas também são lugares, algumas tão acolhedoras e afetuosas quanto a casa de nossos avós - durante o ensino médio e que, da maneira mais direta possível, cultivaram em mim a vontade de ensinar, mas não a vontade de ensinar qualquer conteúdo, e sim literatura, na sua mais pura essência, de modo que cada vez que esta palavra sai da boca e colide com os ouvidos alheios faz-se com amor.

A primeira dessas pessoas, certa tarde, ao fim do período de Língua Portuguesa, sentou-se comigo em um canto da sala. Apenas eu e ela e nossos olhares, uma conexão que transcendeu aquele tempo e mantém-se firme até hoje. Ela sorriu para mim como quem sorri ao observar uma criança engatinhar – e, sem dúvidas, eu ainda estava aprendendo – e pôs-se a revelar uma parte de si que parecia impossível existir em alguém tão imponente, uma criatura quase sobre-humana, cujo domínio sobre os próprios saberes e sobre as situações da vida parecia inabalável. Foi então que disse, com o olhar também sorridente, as seguintes palavras, as quais, inscritas até hoje na memória e na alma, são meu amuleto da sorte nas horas em que o destino parece zombar das minhas agruras: *veja-me em você.*

Nesse instante, no exato momento em que a compreensão da magnitude dessa simples frase concretizou-se, o mundo pareceu parar, dar apenas mais um rodopio e estagnar por completo ao meu redor. Havia alguém parecido comigo a uma classe de distância, esse alguém era a minha professora. E assim, a algo prematuramente morto, enterrado naquilo que chamava de vida como um sonho bobo e insensato, concedeu-se um novo nascer. Renasceu em mim o desejo de lecionar - a paixão por querer se fazer aprender - especialmente àqueles que, por diversas razões, tal como meu antigo eu, perderam o próprio brilho no caminho, encaixotaram os próprios sonhos e jogaram-nos no fundo da mente, a fim de que desaparecessem, sem saber que sempre voltariam de alguma forma como fantasmas para assombrar o futuro.

Essas palavras abriram-me o coração e por essa razão não me vejo sendo outro tipo de docente que não aquele que olha no fundo dos olhos de seus alunos, toca-lhes as mãos e diz-lhes: *confio em todos vocês, acreditem no quanto são especiais*. Se não fosse para ser dessa espécie, às vezes tão rara, sequer teria escolhido uma licenciatura e feito dela o projeto de vida que pretendo seguir por bastante tempo, ao menos até onde meus limites consentirem.

Permito-me dar continuidade a essa valsa, a essa dança que mostrou nesses poucos passos um ser oculto ao mundo, um ser escondido, no correr dos anos, sob camadas de insegurança, as quais têm sido vagarosamente removidas dia após dia e não com esforço ínfimo.

Há ainda uma pessoa a quem lançar luz, que, à época, possibilitou-me vivenciar diversas experiências, e experiência aqui quer dizer, primeiro, algo que “nos passa, nos acontece e nos toca”, como bem elucida Larrosa em um de seus textos. No caso específico dessas, as literárias se sobressaíram, à medida que me relacionava às obras lidas de inúmeras formas. Desde as aulas elaboradas para serem um espetáculo à parte nas manhãs, até as idas à biblioteca, e finalmente a produção de um curta-metragem baseado em um conto, atravessaram-me ideias, conceitos, sensações, estranhamentos, dúvidas, muitas vezes tudo, outras nada, que me

completaram, complementaram ou esvaziaram, mas que sem resquício algum de dúvida tocaram-me e transformaram-me no protótipo de quem hoje, em uma paradoxal relação entre o medo e a coragem, posso afirmar ser.

E esse eu do hoje, que conduz essa valsa com maior ousadia neste momento, é nada mais do que um sujeito da experiência, um alguém que recebe o mundo em si e a ele se abre, que se expõe aos riscos de ser e estar vivo e existente com o mesmo ânimo com o qual a criança de outrora escrevia poesia. Esse ser experiente teve seu nascimento precoce no ensino médio, mas apenas começou a se consagrar como tal ao adentrar o curso de licenciatura em Letras, quando se dispôs, de corpo e alma, do início ao fim de si mesmo - que um dia há de chegar -, a ter uma atitude passiva diante dos acontecimentos acadêmicos que lhe atravessaram cotidianamente; uma postura não inerte nem apática como define o significado primeiro da palavra “passivo” no dicionário, mas sim apaixonada, imbuída de uma vontade visceral de viver, assumir, aceitar a arte da aprendizagem como forma de significar no mundo do outro e de possibilitar a esse outro construir novos sentidos de vida através das vivências diárias.

Assumo, nesses passos que agora se encadeiam sob última melodia, que os conhecimentos linguísticos, literários e didático-pedagógicos construídos durante quatro anos e meio de formação docente conceberam o meu saber científico necessário ao exercício da profissão e auxiliaram-me a ingressar no Mestrado em Letras com certa confiança. Todavia, não só a eles delego a responsabilidade de estar onde estou, não reduzo meu papel de pesquisadora à mera maturação de conhecimentos acadêmicos-científicos. Dou-lhes a devida importância, sim, porém convicta digo que, especialmente o contato com as escolas, a relação estabelecida com os alunos, tanto no estágio quanto na Residência Pedagógica, fizeram-me tomar uma posição enquanto mestranda – e também como professora: a de lutar por uma humanidade verdadeiramente humana para o meu alunado, por uma sociedade onde a todas as pessoas sejam garantidos e mantidos os direitos

basilares. No viés do tema de pesquisa sobre o qual me debruço, no caso os discursos neonazistas, entrego-me à luta por um mundo no qual as ideologias do ódio e da morte pereçam por meio e diante da educação.

Como professora de língua e literatura e pesquisadora do texto e do discurso, quero promover a metamorfose de meus alunos através das palavras e das imagens, transformá-los em sujeitos da experiência como eu me tornei, seres dotados da paixão de dar ou não sentido a si mesmos em uma singular relação com o que se lê e escreve, com o que se fala e se ouve, com o que se vê. Desejo que eles se tornem receptíveis ao novo, mas também ao que foi deixado no tempo e espaço que os precederam. Quero que se deixem tocar pelas situações nas quais serão inseridos, transbordar de sentimentos e pensamentos sobre o que experimentarão, de modo que isso os exponha aos riscos de revelar quem são ou quem desejam ser. Pretendo, assim, fazer deles territórios de experiências que os impulsionem a tomar de volta para si o mundo que o ódio e a violência, a apatia e a dor nos têm tirado dia após dia.

Conduzo-me agora ao passo derradeiro dessa valsa com um chamado, um apelo àqueles que compreenderam que o seu lugar ao sol seria apenas conquistado se ajudassem outras pessoas a conquistarem o delas: jamais abduquem de formar sujeitos da experiência, indivíduos que saibam viver, que sejam capazes de sonhar, mesmo em uma era que insiste em negar sonhos e extinguir vidas. Estimulem-nos a serem seres que sintam o pulsar dos acontecimentos da existência dentro de si e por eles se deixem ser revirados, reorganizados, modificados. Quem sabe dessa forma consigamos recuperar o futuro que encaixotamos e jogamos em um canto qualquer da história.

DO GERAL DA FORMAÇÃO DOCENTE À MINHA NARRATIVA PARTICULAR

Emanuele Rostirolla Mascarello

Entre livros e lições: Reflexões de uma trajetória docente e os tesouros da experiência

No envolvente relato biográfico que segue, mergulharemos no universo da minha jornada onde as linhas da vida se entrelaçam em um relato cativante, permeado pela riqueza da experiência acadêmica e profissional como docente. Como protagonista desta narrativa, compartilho não apenas os desafios e conquistas da carreira docente, mas também as nuances da minha trajetória acadêmica. Ao longo dos anos, as páginas da minha história se tornaram testemunhas da minha paixão pelos estudos e da busca pela minha evolução intelectual.

Esses anos dedicados ao estudo resultaram na minha formação como docente e hoje compartilho este amor pela educação e pelo comprometimento incansável com o ensino. Este relato não é apenas uma narrativa cronológica, mas sim um mergulho profundo da minha trajetória, destacando os desafios superados, as conquistas alcançadas e, acima de tudo, a relação contínua moldada entre a experiência acadêmica e a prática profissional como educador. Convido você, leitor, para embarcar em uma viagem que ultrapassa os limites do ensino, explorando uma parte da minha trajetória dedicada ao compartilhamento de conhecimento e à formação acadêmica.

O ano 1991 marca o início da minha história. Nasci na cidade de Casca, no Rio Grande do Sul e estudei até o final do ensino médio na cidade vizinha Santo Antônio do Palma, também no RS. Morava com os meus pais e os meus avós maternos no interior desta cidade. Sempre fui uma aluna ativa, comunicativa e que

gostava muito (gosta até hoje) de estudar. Tinha em mente que, assim que finalizasse o ensino médio, faria uma faculdade, um curso superior. No entanto, eu não tinha ideia em qual área. No ano de 2008, eu cursava o 3º ano do Ensino Médio, quando foi realizado um simpósio na escola onde eu estudava. Na oportunidade, alunos e professores de algumas instituições de ensino superior fizeram uma apresentação sobre alguns cursos oferecidos.

Em 2009, me mudei para Passo Fundo e ingressei no Curso Superior em Tecnologia na Gestão Ambiental na Faculdade Portal em Passo Fundo/RS. Me formei em 2011 e em 2012 concluí minha Especialização em Auditoria, Licenciamento e Perícia na Gestão Ambiental pela mesma Instituição. A escolha desse curso se deu pelo fato de ser um curso de curta duração (2 anos e meio) e também por ser uma área que oferece um vasto campo de trabalho. Em fevereiro de 2013, comecei a trabalhar em uma empresa de Consultoria Ambiental em Passo Fundo. Essa empresa presta serviços de assessoria ambiental para Postos de Combustíveis e Serviços.

Em 2015, decidi participar do processo seletivo do vestibular na Universidade de Passo Fundo – UPF. E a pergunta de alguns anos atrás se fez presente novamente: “Que curso vou fazer?”. A resposta veio quando minha avó (in memoriam) me disse: “Por que tu não estuda para ser professora?” Desde pequena meus avós me incentivaram a ser professora, no entanto, o destino percorreu outros trajetos. Refleti acerca do questionamento da minha avó e, a partir daquele momento, pesquisei os cursos de licenciaturas oferecidos pela UPF (nas áreas que eu mais tinha afinidade). Optei pelo Curso de Letras, Inglês e Respectivas Literaturas.

Quando iniciei o Curso de Letras no segundo semestre de 2015, logo nas primeiras semanas de aula, senti que estaria vivenciando um novo desafio. Com o decorrer das primeiras aulas, tive a certeza de que eu estava no caminho certo. O Curso de Letras, além de proporcionar uma formação acadêmica ampla na Universidade, nos coloca em posição crítica e de constante renovação. A caminhada no Curso de Letras foi, para mim, uma jornada enriquecedora aprofundando os estudos da linguagem e da literatura. O estudo da

gramática, da linguística e da literatura ofereceram uma compreensão mais profunda da estrutura da língua e das manifestações artísticas que a expressam. A imersão nesse ambiente acadêmico não apenas aprimorou as habilidades de comunicação escrita e oral, mas também instigou uma visão crítica sobre o poder das palavras e seu papel na construção da identidade cultural.

Durante o curso, tive o privilégio de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, do período de 2016 a 2018. Esta experiência resultou na produção de um capítulo de livro, publicado em 2018, intitulado “A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA: uma formação para os Pibidianos de Letras Português”. Trabalho este que foi produzido com os demais colegas participantes do grupo.

O percurso no Curso de Letras, embora tenha sido apaixonante, apresentou desafios que influenciaram a minha jornada acadêmica. Tive muita dificuldade de aprendizado na Língua Inglesa e, por muitos momentos, pensei várias vezes em pedir transferência de curso para outra universidade que apresentasse o Curso de Letras, sem a língua estrangeira. Dessas pequenas turbulências, formei a seguinte reflexão: “todo desafio que nos é posto vem sempre resulta em um propósito”. Esse desafio fez com que eu refletisse sobre algumas situações da minha vida e tomasse decisões significativas relacionadas a essas pedrinhas que estavam “atrapalhando” o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Além disso, me aproximei mais da vida acadêmica e dos professores. Esses mestres foram os pilares, a força e o apoio para eu não desistir.

O final do ano de 2019 e o início de 2020 foi marcado por um desastre mundial: a pandemia da Covid 19. Neste período, eu cursava os últimos dois semestres do Curso de Letras. De um lado, foram momentos marcados pela tristeza, angústia, solidão e medo, pois tudo havia mudado e não tínhamos uma direção concreta para seguir. Por outro lado, foram momentos de muita reflexão e também da valorização primordial e essencial das relações familiares e com os amigos. No período de isolamento, busquei

alternativas para manter a tranquilidade e saúde física e mental: estudos e leituras foram técnicas adotadas. Se voltar no tempo, não pensaria lá em 2015 que a minha colação de grau se daria da forma como aconteceu: em uma chamada no Google Meet. Como mencionei anteriormente, não há desafio sem um propósito. Qual foi o propósito da pandemia? Eu acredito que havia um propósito. Para mim, dedicar tempo. Deixar a ganância, a individualidade, a arrogância de lado e dedicar tempo a tudo o que nos faz bem, família e amigos.

Pensando em uma formação continuada, busquei a seleção de Mestrado em Letras pela UPF em 2022 para aprofundar essa compreensão da experiência acadêmica e também como educadora. Esse é o início de mais um capítulo que será permeado de muitos relatos significativos e contemplado com desafios.

Após relatar um pouco a minha trajetória acadêmica, apresento o início da minha atividade profissional. Iniciei meu trabalho como professora em uma escola de rede privada em Marau/RS, no ano de 2021. Na oportunidade, as aulas já estavam sendo realizadas de modo semipresencial. Algumas turmas, as com maior número de alunos, realizavam as aulas em uma espécie de “rodízio” – alguns alunos estavam em sala de aula presencial e outros acessavam a aula pelo Google Meet de forma online. Nessa mesma Instituição, atuei como Professora de Língua Inglesa para Educação Infantil (Jardim I ao Pré II) e Ensino Fundamental – séries iniciais (1^{os} anos). Nessa escola, atuei nos anos de 2021 e 2023.

No ano de 2023, iniciei a experiência docente no Colégio Notre Dame Menino Jesus como professora de Língua Inglesa dos 2^{os} anos e, em julho deste ano, assumi duas turmas de 5^o anos, também como professora de Língua Inglesa. Minha experiência como docente é marcada por momentos profundamente significativos e enriquecedores. Ao entrar na sala de aula, não apenas como transmissor de conhecimento, mas como facilitador do processo de aprendizagem, pude testemunhar o poder transformador da educação. A conexão com os alunos, suas mentes vivas por descobertas e a responsabilidade de orientar suas trajetórias

acadêmicas e pessoais moldaram meu entendimento do papel do educador. As interações diárias, as discussões em sala e a troca constante de ideias proporcionaram um ambiente de aprendizagem colaborativo. A realização mais significativa reside no impacto tangível que tive na jornada educacional dos meus alunos, vendo-os desenvolver habilidades, ganhar confiança e, acima de tudo, cultivar um amor genuíno pelo aprendizado. Essa experiência como docente não apenas reforçou minha paixão pelo ensino, mas também ressaltou a importância de inspirar e capacitar as mentes jovens para enfrentar os desafios do futuro com sabedoria e entusiasmo.

Escrevo essa reflexão baseado no texto, de Jorge Larrosa Bondía, intitulado “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, em que aborda uma discussão acerca da educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. De acordo com Bondía (2001, p. 20), “se o par da ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica”. Essa reflexão é voltada ao campo pedagógico que, segundo o autor, tem estado separado entre os chamados técnicos e os chamados críticos, entre os partidários da educação como ciência aplicada e os partidários da educação como práxis política. Nesse sentido, Bondía se propõe a pensar a educação a partir do par experiência/sentido, sugerindo um certo significado para estas duas palavras em distintos contextos.

Bondía (2002) apresenta alguns significados para a palavra “experiência”: a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. Assim, o autor complementa que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. O autor ainda explica que a experiência

não advém da informação. Aqui, a informação está relacionada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados.

Ao se referir ao sujeito da experiência, Bondía (2002) afirma que esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. O autor traz as seguintes reflexões: se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Nesse sentido, Bondía afirma que em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Em seguida, o autor apresenta uma reflexão relacionada à própria palavra experiência e sujeito da experiência advindas do latim.

O autor aborda aspectos da ciência moderna iniciada por Bacon e sua formulação mais elaborada em Descartes em que ambos desconfiam da experiência e a própria ciência trata de convertê-la em um elemento do método, o caminho seguro da ciência. Aqui a experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Segundo Bondía, a experiência converteu-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. Assim, a experiência já não é o que nos

acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las.

A imersão nas experiências que permeiam a vida acadêmica e a de educadora demandam não apenas dedicação, mas também uma mente aberta para abraçar a diversidade cultural que este meio nos proporciona. Assim, ao refletir sobre minha trajetória, percebo que a decisão de embarcar no caminho acadêmico, culminando no meu mestrado, foi um passo fundamental na construção da minha identidade profissional. As experiências vividas ao longo desse percurso, desde as primeiras incursões na sala de aula até a pesquisa aprofundada agora, durante o mestrado, não apenas enriqueceram minha bagagem acadêmica, mas também me transformaram enquanto docente. Cada desafio superado e cada vitória alcançada proporcionaram um crescimento que vai além do campo teórico, atingindo a esfera das relações humanas e da compreensão empática. As vivências como docente não foram apenas profissionais, mas também pessoais, moldando minha visão de mundo e fortalecendo minha paixão pelo ensino. Este relato não é apenas um registro de conquistas acadêmicas, pessoais ou profissionais, mas um testemunho das inúmeras experiências que contribuíram para a minha formação integral como pessoa, acadêmica e como educadora.

EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM

Flávia de Oliveira Milani

Você já leu uma frase qualquer, em um texto aleatório, que fez com que um mistério em sua mente fosse desvendado? Que suas escolhas, naquele segundo, parecessem fazer todo sentido? Eu vivenciei essa sensação em uma aula normal do Mestrado, na matéria Estágio de Docência I. Curioso, né? Essa frase pertence a Jorge Larrosa (2002) e diz o seguinte: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Experiência... onze letras ... experiência ... seis sílabas ... experiência ... uma palavra carregada de sentido... experiência... uma oportunidade de mudar o destino. Quando pensamos nas experiências que vivemos ao longo da vida, imaginamos situações pontuais de nossa trajetória: primeiro dia de aula, primeiro namorado, a compra do carro, o nascimento de um irmão, primeiro emprego, festa de casamento... enfim, a lista é enorme, mas insignificante, pois experiência é tudo o que nos emociona, tudo que nos marca e nos transforma. Faz parte do que somos.

E foi a partir de EXPERIÊNCIAS que me tornei professora. Quando era pequena, adorava pegar um quadro de giz e escrever histórias infantis para meus alunos (imaginários) copiarem. As viagens de Gulliver, eles sabiam decor. Mas não importava, toda aula eles copiavam tudo de novo e nunca reclamavam. Eles eram anjinhos, nem faziam bagunça. Bons tempos aqueles!!! Com o passar dos anos, os estudantes inventados, tornaram-se reais, meus primos assumiram esse lugar. Por livre e espontânea vontade? Jamais. Mas era uma causa justa. E o pagamento era excelente: uma cartinha colecionável por aula. Quem recusaria uma oferta dessas?

Na escola outras EXPERIÊNCIAS foram fundamentais na construção do sonho de lecionar. Não consigo contar o número de momentos que marcaram minha passagem pelo ensino

fundamental e médio. Todas elas apresentavam situações reflexivas acerca do mundo e do papel que a escola desempenha diante de seus discentes. Não é apenas um local de aprendizado. É um lar, um lugar de acolhimento, respeito, amizades e memórias. Até mesmo a escolha da disciplina que eu queria ensinar surgiu por meio de experiências.

A matéria de Língua Portuguesa foi uma escolha fácil de fazer, visto que eu amava ler, escrever, contar histórias e classificar as classes gramaticais. Imagina a minha decepção ao descobrir, na faculdade, que não poderíamos ensinar gramática descontextualizada. Será que essa história terá um final feliz? A resposta, com certeza, é positiva, visto que Letras me mostrou um mundo novo: a comunicação. Nunca tinha refletido sobre o poder das palavras ou a forma como nossa sociedade necessita da língua para existir. Me apaixonei pelos novos aprendizados e compreendi que a Língua Portuguesa é muito mais que substantivo e verbo, de modo que seu ensino precisa partir do que é essencial para a sobrevivência: o texto.

Já a Língua Inglesa surgiu na minha trajetória acadêmica como um problema eminente, pois minhas experiências com essa disciplina não eram positivas: não sabia ler, escrever, falar ou ouvir. Nas aulas, estava sempre perdida e, por muitas vezes, tive vontade de desistir. Jurei que jamais trabalharia com o ensino de línguas adicionais. Queimei a língua!!! Apesar de não ser a matéria de minha preferência, evolui muito meu pensamento acerca desse ramo de trabalho, visto que tenho total capacidade de colaborar com a construção do conhecimento dos alunos sobre um conteúdo e despertar neles a curiosidade por trás de uma língua que reflete outra parte do globo terrestre. Além disso, desconstruí aquele estereótipo de que nunca conseguiria aprender inglês plenamente, uma vez que o motivo que impossibilitava meu aprendizado eram limitações psicológicas, como vergonha e medo. Mas como essa desconstrução aconteceu? EXPERIÊNCIAS.

Depois de muita luta, choro, estresse, alegrias, risadas e aprendizados... enfim... *professora*. Mas a realidade não é

semelhante com a imaginação. Os problemas e dificuldades ao lidar com pessoas, com certeza, não estava escrito nos livros que li para as matérias do curso, nem mesmo, os medos e a insegurança estavam presentes neles. Quando se forma, o professor não recebe manual de como agir em situações inesperadas. Ninguém te mostra o que fazer quando os estudantes brigam entre eles, quando são desrespeitosos ou atrapalham os colegas. Pior ainda, ninguém te diz que a explicação maravilhosa que você fez, não atingiu todos os discentes, mesmo o conteúdo sendo fácil. Ninguém prepara o docente para enfrentar pais revoltados com as notas dos filhos, famílias que não dão limites para as crianças e esperam que a escola os molde e devolva-os prontos. Ninguém conta que a sociedade é extremamente vulnerável e muitos jovens passam fome, sede, frio, violência, sendo a escola, nesse caso, o seu porto seguro. Ninguém te conta que, diferente da novela Carrossel, tem muito mais Paulos na sala de aula do que Daniels.

Ninguém te conta que, em segundos, o fogo pode destruir tudo que a escola levou anos para construir. Talvez, de todas as experiências que relatei nesse texto, essa seja a mais cruel. Um incêndio marcou minha trajetória, tão curtinha, na instituição em que trabalho. Era uma noite de inverno, véspera da festa junina no local. A alegria contagiava os corredores, pois os alunos ansiavam aquele evento: o primeiro depois de uma horrível pandemia. Mas a alegria se tornou tristeza e os sorrisos perderam espaço para as lágrimas. O fogo iniciou no segundo andar do prédio e rapidamente se espalhou para várias salas daquela área. No final, após os bombeiros apagarem as chamas, a escola parecia a mesma, mas não era. Não tínhamos mais nosso refúgio e a cidade tinha perdido o segundo lar de muitas famílias.

Os alunos ficaram chateados, mas os professores estavam desolados. O que faríamos? Para onde iríamos? Quanto tempo levaria para o prédio estar em condições de uso novamente? Conhecendo o histórico governamental, provavelmente muitos anos. Estávamos literalmente na rua. E pensando que o lugar em

que trabalhamos faz parte do que somos, naquele momento não éramos nada.

Felizmente, a educação é um dos pilares da sociedade e pudemos presenciar ao vivo a paixão e solidariedade de cada pessoa, que passou pelas grandes portas da antiga escola. Nunca presenciei tanto carinho da população pelo ensino, visto que pais, colegas, ex- alunos e comunidade em geral compareceram para ajudar na limpeza dos destroços, ofereceram bens materiais para substituir os que foram afetados pelo fogo, fizeram campanhas para a arrecadação de dinheiro para a reconstrução do prédio, mandaram mensagem para o governador, clamando socorro e, principalmente, garantiram que os alunos atuais da instituição tivessem um local minimamente digno para estudarem. Os esforços foram infinitos, de modo que atingimos o objetivo final: a escola voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído. E tudo que sobrou foram as EXPERIÊNCIAS.

Engraçado, parece que só vivi momentos ruins trabalhando. Mas esse é um doce engano, pois descobri que grande parte das memórias da infância são construídas na escola, bem como que o professor sempre será lembrado, não importa se era amado ou odiado, uma vez que as marcas deixadas por eles se enraízam no coração. Além disso, compreendi que, não importa o lugar, sempre terá alguém para gritar “PROF.”. Descobri também que o educador será amigo, confidente, exemplo, inspiração e conselheiro. Desvendei que todo professor é o preferido de alguém. Da mesma forma, que nenhum é amado por todos. Por fim, entendi que o docente pode salvar uma vida, transformar um destino, deixar marcas que jamais serão apagadas. E tudo isso acontece por meio de EXPERIÊNCIAS.

Um dia, conversando com amigos, alguém me perguntou se eu estava realizada com a profissão que eu tinha escolhido. Parei para refletir e cheguei a conclusão que nenhum outro trabalho faria meu coração bater tão forte quanto a licenciatura, porque ser professora é proporcionar experiências na vida de outras pessoas. É mostrar-lhes a estrada para o conhecimento, amadurecimento e,

principalmente, para o futuro. Tenho orgulho de ter escolhido uma profissão tão bela quanto esta, que de peça em peça transforma o mundo em um lugar melhor.

E sabe aquela frase aleatória, de um livro qualquer, que li sem pretensão alguma: **hoje ela faz todo sentido.**

SER PROFESSOR: UM CAMINHO DE RESISTÊNCIA JUNTO ÀS PALAVRAS

Gabriela de Oliveira Zimmermann

Meu caminho como professora iniciou, sem dúvida, pelo amor e encanto pelas palavras. Sim, palavras. É curioso que isso esteja tão delimitado em minha mente, mas elas são a vida que eu carrego comigo desde o meu nascimento. Quando refiro-me a palavras, não evidencio somente a maneira com que se apresenta a todos os humanos cujo privilégio é a linguagem verbal: o caminho das palavras comigo, é, acima de tudo, um caminho de amor e de identidade.

Primeiro, com as canções de ninar. Concordemos todos que não há canção de ninar sem os signos que a signifiquem, mas o sentido de amor que carregam em sua enunciação e encenação. Depois, envolveram-me as palavras com os mitos gregos tão tradicionalmente narrados pela maior especialista que eu conheço, a minha mãe. Professora de história e filosofia, é meu maior exemplo de profissional da linguagem e de ser humano; exemplificou-me a importância da busca por um mundo justo e igualitário por meio da educação - e das narrativas.

Conforme o tempo foi passando, a fascinação pelas histórias crescia. Com a necessidade de me levar junto no trabalho à noite - minha mãe lecionava também com EJA - acabava por passar noites na biblioteca do Colégio Estadual Modelo. Nas oportunidades, questionava-me o porquê do amor pelos livros: seriam os enredos? As figuras? As peripécias que interrompiam qualquer sequência lógica narrativa? Pode ser.

Na adolescência, veio minha afeição à poesia. Foi em uma aula de ciências, no sétimo ano, que escrevi meu primeiro poema. A Professora Carlota já dizia que “quando começa na poesia, não tem volta, é vício imparável”. E então, minha ambição era tornar-me

poetisa; não sabia explicar se o que me fazia vibrar frente aos poemas eram as rimas ou os sentidos que vertiam dos versos muitas vezes aparentemente calculados.

O tempo foi passando e, fora do domínio literário, me intrigava o afeto até mesmo por textos teóricos na trajetória acadêmica - como aquilo poderia ser tão musical, como aquilo poderia ser mais certo que dois mais dois são quatro? Então elucidei que no fundo, bem lá onde a gente dificilmente acessa se não for disciplinado, que o meu encantamento era pela linguagem; pela capacidade de significar; pela forma, pelo som; pelo dito, mas principalmente, pelo não dito por trás das cortinas que é a encenação de enunciar.

A minha escolha em ser professora, é, sem dúvida, fruto do amor pelas palavras e narrativas que me constituíram desde a infância e, posteriormente, na academia. Trabalhar como profissional da linguagem, para mim, retoma-me a essência mais ínfima do primórdio e do fim do que pode ser humano, que é a sua formação cultural e social só possível através da língua.

Hoje, meus insights como professora voltam-se em como, através das palavras e da linguagem, posso contribuir com a educação e com o mundo na busca por uma sociedade mais igualitária. Essa busca, para mim, está intimamente relacionada com a educabilidade política do professor, que acontece na escola quando eles identificam e aprimoram seus conhecimentos, desenvolvem habilidades de contar histórias e impulsionam a si e aos educandos o pensamento crítico. Ao compreender os aspectos diversos do ambiente escolar, conseguimos, enquanto professores e portanto mediadores, influenciar abordagens pedagógicas e políticas, tornando-nos cada vez mais conscientes e atuantes em uma educação que emancipe o sujeito.

E as palavras, em termos de educabilidade política, transcendem a mera atividade do ensino, essa reduzida ao ensino de ortografia, morfologia e sintaxe da estrutura linguística na escola; as palavras aqui exercem o papel crucial de instigar, encantar, fascinar e possibilitar tudo aquilo que a mera informação

é incapaz sozinha: a missão das palavras aqui é dar sentido ao conhecimento para algo que vale a pena para um coletivo.

A enunciação de que “educar é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”, elucidada por Paulo Freire, a mim, me parece ser uma boa síntese pessoal do que significa ser professor. Filha, neta, sobrinha e prima de descendentes que dedicaram suas vidas à educação, hoje sei que ser professor é um contínuo processo de construção, que se desenvolve por meio de estudos, experiências, práticas e reflexões críticas constantes sobre a própria atuação. Esse processo, todavia, como bem nos mostrou Freire, é impossível sem amor. Amor pelas gentes, pelo mundo, pelo que as pessoas podem ser através do conhecimento e - na minha imparcialidade como professora da área das letras - das palavras.

Quando digo que esse processo é percorrido por professores que atuam com amor, destaco a responsabilidade do educador em nutrir o desenvolvimento integral do aluno, não apenas intelectualmente, mas também emocionalmente e socialmente. Atuar com amor é olhar para o outro; e entender que a vida em sociedade só faz sentido por meio da igualdade. Isso implica em compreender as necessidades individuais de cada estudante, motivar, apoiar e inspirar o seu crescimento com vistas à sua emancipação.

Além disso, não esqueçamos da coragem, retomando Freire, para superar as adversidades e seguir firme na luta que significa professar em prol da justiça. Para finalizar o ensaio, enceno um clichê oportuno com relação à citação, afinal, em tempos de discursos intolerantes com a existência do outro, críticas e dúvidas de resultados científicos e censura à condução do trabalho do educador, ser professor, é, mais do que nunca, “um ato de resistência”. Por aqui, sigo comprometida em resistir!

NARRATIVAS QUE ME TORNARAM PROFESSORA

Gabriela Golembieski

Sim, foram as narrativas que me colocaram nesta profissão. A Princesa e o Sapo, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho... narrativas que minha mãe docemente me contava antes de dormir e nas folgas durante o dia, as quais eu pedia para que contasse novamente infinitas vezes. Em alguns momentos, ela oralmente criava novas narrativas. Eu amava e queria que contasse novamente no dia seguinte exatamente igual a que eu tinha na memória do dia anterior. No entanto, nunca mais era bem igual. Era sempre outra história, outra enunciação, narrada pela minha mãe.

Não foram somente as narrativas literárias que me fizeram escolher a carreira docente. Foram as experiências que as narrativas me proporcionaram. Segundo Larrosa¹ (2002), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Foi o que “me passou, me aconteceu, me tocou” que me fez ser professora. Na infância, eu amava dar aulas para as bonecas, para minha avó paterna (que morava comigo), para os meus primos e meus amigos. Quando eu tinha 8 anos, minha irmã nasceu. Logo que aprendeu os números e as letras, tornou-se minha nova aluna e, também, minha professora. Tenho muita sorte! Nasci em uma família maravilhosa, com muitos professores! Minha mãe, tia e primos decidiram seguir a carreira de ensinar. Sempre foram e são minha inspiração. Eu amava corrigir as provas com a minha mãe e saber as atividades que desenvolvia com as suas turmas. Quando eu estava na 3ª série do ensino fundamental, fui aluna da minha mãe. Uma experiência singular. Na escola, ela deixava de lado o papel

¹ LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2002. Tradução de João Wanderley Geraldi.

materno, era a profe Neri. Se na infância eu adorava acompanhar os planejamentos dela, hoje ainda isso se mantém. Trocamos ideias e compartilhamos experiências.

A decisão que me deixou mais próxima da trajetória docente se deu no ano de 2014. Eu estava na 8ª série e tive que escolher se eu faria o Ensino Médio Politécnico ou o Curso Normal - Magistério. Eu escolhi a segunda opção e comecei os estudos no início de 2015, no Instituto Estadual de Educação Tiradentes. Foram muitas descobertas: colegas novos, escola nova, professores novos, desafios novos. Foi nesse ano que entrei na sala de aula pela primeira vez para dar aula. Assumi uma turma do projeto “Mais Educação”, na Escola Municipal Guerino Somavilla, na cidade em que moro, Nova Prata. Eu tinha alunos de 11/12 anos e ministrava aulas de Jogos. Aprendi muito com esse grupo. No ano de 2016, tornei-me estagiária do CIEE na escola em que eu atuava em 2015. Agora, era vez de organizar aulas de “Hora do Conto”, Educação Física, Jogos, substituir professores.... As trocas com os estudantes e professores foram muito significativas. Durante o Magistério, tive horas de observação de turmas e estágios. Foram essas práticas que me possibilitaram experienciar vários momentos com alunos da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. No primeiro semestre de 2018, realizei o estágio de 400 horas em uma turma adorável de 4º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Ângela Pellegrini Paludo, lugar onde me alfabetizei. Foi desafiador, porque foi nesse momento que surgiram as provas para corrigir e atribuir nota, preencher folhas de chamada, elaborar boletins, conversar com os pais e com a direção da escola. Essas experiências contribuíram para eu decidir que iria trilhar a caminhada da educação.

Antes de iniciar o estágio, no fim do ano de 2017, chegou a hora de escolher qual seria o curso superior que eu ingressaria. Participei do Interação UPF e decidi que seria nessa universidade que eu seguiria os estudos. Eu gostava da língua portuguesa, mas também gostava bastante das exatas. Então, decidi cursar Matemática no primeiro semestre de 2018. Não foi lá que eu me

encontrei. Fiz amigos que marcaram esse período, mas eu descobri que lá não era o meu lugar. Troquei os números pelas letras, e não estou falando de equação matemática. Ingressei no curso de Letras no segundo semestre de 2018 e foi lá que concluí a minha graduação. Minha primeira aula foi com a professora Marlete. Era Introdução à Linguística. Eu não sonhava naquele dia que ela se tornaria minha orientadora de projeto de pesquisa, de trabalho de conclusão de curso, de dissertação... e de vida. Foi no curso de Letras que: aprendi sobre língua, linguagem e como abordar isso com os estudantes, comecei a pesquisar sobre a Aquisição da Linguagem, contei histórias, enfrentei a pandemia de Covid-19, entendi que “a linguagem serve para *viver*” (Benveniste, 2023, p. 121, grifo do autor)².

Durante a graduação, dei aulas de inglês e fui bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Agora, no Mestrado, sou novamente muito grata por ter sido contemplada com uma bolsa CAPES I. Nos meses de agosto e setembro de 2023, tive a oportunidade de substituir uma professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do ensino médio do Colégio Mater Amabilis - Rede Sagrado de Educação, em Nova Araçá. Minha primeira atuação nesse nível da educação básica. Foi uma experiência brilhante que me faltam adjetivos bonitos para descrever. Ensinei, mas aprendi muito mais. Além de ensinar, pesquisei, com a minha orientadora, os arranjos metafóricos constituídos nas narrativas de duas crianças. Acredito muito na educação e na ciência para que possamos ter o que tanto é dito e se espera na sociedade: um mundo melhor.

E por assim acreditar, destaco outra afirmação de Larrosa (2002, p. 24): “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas”. Penso, a partir dessa afirmação, que as narrativas

² BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. de Eduardo Guimarães *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2023.

com os meus professores, colegas professores, colegas de turma, alunos, pais... de alguma forma me afetaram e deixaram marcas. Me mostraram o que eu poderia continuar fazendo e o que eu teria que mudar. Tenho certeza que ao longo dessa profissão muitas outras experiências me afetarão, produzirão afetos e deixarão marcas que me constituirão.

Bem, dizer exatamente o que me fez ser professora é uma tarefa difícil. Poderiam ser as experiências da infância que guardo com carinho, o momento que escolhi cursar o Magistério, quando optei por ingressar em curso de licenciatura no ensino superior ou porque acredito na importância dessa profissão. Prefiro dizer que foi tudo isso. As narrativas que vivi em cada parte da vida me fizeram estar nessa profissão hoje. Daqui 10, 20, 30 anos, pretendo escrever outros textos com outras narrativas que me fizeram ser professora. Se as narrativas me possibilitaram assim ser, é porque muitos professores de excelência passaram e passam pela minha trajetória. Agora é a minha vez de seguir os exemplos e proporcionar experiências que “toquem” os estudantes, possibilitando que as trocas entre nós “produzam afetos” nas narrativas da vida deles e nas minhas narrativas enquanto professora.

O ESPELHO DO AMOR: PAIS E PROFESSORES

Júlia Scherer

Palavras Iniciais

A infância sempre deixa marcas, sejam elas boas ou ruins. As minhas lembranças remontam a uma avó coberta pela armadura de leoa, a qual com seu dinheiro árduo levava-me à livraria do Shopping da nossa cidade, toda semana. Com menos de cinco anos de idade, mimava-me com miniaturas da coleção TodoLivro, assim gravou em mim o hábito da leitura, o amor pela expressão da linguagem corporal, entonação, memória visual e auditiva, além da interpretação.

Nas visitas às tias-avós, não conseguiam crer que a criança contava histórias, com as mesmas palavras do livro, sem ainda estar alfabetizada. Mas também... ninguém sabia da arte entre a pequena e sua mãe-vó: lia incansavelmente aqueles livros, todas as noites (e alguns durante o dia).

Eu amava ouvir as narrações, principalmente os clássicos da Disney. A voz da minha querida mãe, mesmo após anos, ecoam nos meus ouvidos. Contar e ler histórias sempre foram as distrações preferidas de casa. O sonho da Dona Marga ainda é ter uma biblioteca acessível à comunidade, e foi os passos de uma leitora devoradora que trouxeram-me aqui.

Somos construídos através da apropriação dos seres e estares de outros que nos rodeiam, mas há a sábia escolha entre absorver o melhor ou o maravilhoso. Eu escolhi o maravilhoso e deste modo me constituí uma professora, amante da mediação entre a língua e a linguagem, do entender e compreender, de estar com os diferentes e ser diferente com o mundo que me cerca.

Processo

Estudante de escola pública, ingresso na educação infantil, quando ainda havia instituições estaduais que sediavam o ensino, repeti o Pré II, por não completar idade mínima ao ingresso do Ensino Fundamental I. Dessa forma, ainda na primeira etapa, fazia leituras e pintava incansavelmente, embora no ano seguinte isso já dava indícios que o exercício de calcular faltava.

O apreço pela literatura, por pintar e desenhar eram meu ponto de paz. Fazia do meu passa tempo, imitar personagens de novela com suas falas e danças, músicas eram todas decoradas facilmente, tenho vivido na lembrança na mesma intensidade que narro. Embora, também recorde de só sair brincar nas férias, após estudar a tabuada e a minha querida mamãe tomá-la “salteada”.

O ponto crucial, para que aqui eu pare escrever a vós: matemática e a arte da comunicação. Na quinta série, mudei de escola, ainda na rede pública... primeira nota baixa! Horrível. Hoje eu entendo, nada é sem propósito. A professora de matemática chamou minha mãe no final do trimestre. Expôs minha dificuldade e o combinado foi questionar, tirar dúvidas.

Pra mim foi ótimo, talvez para a professora, nem tanto, indagava demais, passei a questionar tudo, não assimilava por completo. Foi assim o resto do ano, apesar de acompanhar a turma. Ainda não sendo a melhor em matemática, trocava ideias com a professora (sétima série), sobre inclusão.

Memorável professora Nara, lançou um trabalho com material concreto para crianças deficientes (diversos CID's). O que eu sabia? Nada, porém arrisco-me a dizer o quanto aquilo me marcou, preparar uma aula e aplicar para meus colegas? Magnífico.

Fui tão bem, fez sucesso entre as professoras. Como existiam as demais matérias que eu ia bem e sempre ajudava os colegas (também pela minha inquietude, a partir do momento que comecei questionar as professoras), mantinha uma relação muito próxima com todos, os quais me aconselhavam muito.

No ano seguinte, estudei muito para entrar no Colégio Militar de Passo Fundo, entretanto foram pouquíssimos acertos em exatas, em contraponto, em língua portuguesa obtive uma belíssima pontuação. O que nos remete novamente a matemática e a habilidade da oratória... A Professora Denise sugeriu meu ingresso ao curso de magistério, pela forma como conseguia fazer a ponte entre o conteúdo e meus colegas.

Aderi a ideia, a qual outros professores incentivaram e minha família abraçou. Naquele ano, não consegui vaga e cursei o ensino médio politécnico. Aprovei, mas como a vaga para o magistério foi alcançada, retorno para o primeiro ano, dessa vez na modalidade “normal”.

Minha realidade foi brutalmente modificada, uma sala repleta de meninas, muitas sem hábitos de leitura e com o conhecimento do Ensino Fundamental, mais novas. Foi aí que foquei totalmente na minha carreira como professora, tudo me encantava e me motivava, não tive dificuldades no primeiro ano do ensino médio, justamente porque havia feito no ano anterior.

A possibilidade de ingressar, com idade diferente, me proporcionou encarar tudo com a maturidade que eu precisava, para aprender o que era solicitado de forma límpida. O Magistério foi a escolha certa da minha vida. O encontro entre saber conversar e amar ajudar e estudar (línguas), e o desencontro com a matemática, foi o que me trouxe a docência. Caso passasse para o Tiradentes, hoje provavelmente seria uma advogada frustrada.

Os professores, durante toda a caminhada e em todas, sempre foram a luz no final do túnel. A forma que um professor se torna espelho, principalmente quando damos a chance para que ele seja nosso amigo, é sem limites, para ter essa visão, precisei de uma mãe que era humilde em todo o seu conhecimento e seu amor pelos estudos, na qual sempre guiou a favor da dedicação aos estudos.

A jornada no magistério abriu o horizonte para a inclusão e firmava minha palavra: vou cursar LETRAS! Os estágios remunerados, foram valorosos no sentido de ampliar o

conhecimento teórico nas práticas que desenvolvia, ajudando os professores titulares em suas turmas. Quisera eu conseguir enxergar o mundo ainda nos dias de hoje, com os olhos de uma criança.

Vivenciar a maldade e a exclusão é bem mais comum do que se possa imaginar, não somente no mundo da inclusão, quanto do dito normal, justamente porque as pessoas não aprendem da mesma forma, famílias são diferentes, condutas e pensares opostos. Nessa perspectiva, quando comecei a faculdade de Letras, iniciei com aulas particulares, reforço com língua portuguesa e também rotina com um aluno autista.

Fui imersa, especialmente no mundo daqueles em que o mundo (adulto), não tem tempo. Aprendi muito com profissionais mais experientes que eu, os quais me adotavam como aprendiz, e o ambiente de atendimento deles, tornava minha sala de aula, fonoaudiólogas e psicopedagogas ensinaram na prática suas teorias e metodologias...

Um ano e meio mais tarde, ano de 2020, os estágios obrigatórios, começaram... surpresa e desespero. Sai do colégio onde eu trabalhava para estudar e somente um aluno particular, e uma semana após, tudo fechou, devido a pandemia do COVID-19. Precisei fazer o que eu sabia: dar aulas! Afinal, professora eu já era.

Anunciei aulas e fiquei com metade da turma da instituição onde eu estava como assistente de turma, crianças do Pré II, dei a base da alfabetização e alguns foram alfabetizados, juntamente com outras crianças, alguns maiores e outros na mesma faixa etária. O amor que minha mãe (avó) plantou em mim, eu semeei nos pequenos. É linda a descoberta do letramento e principalmente do amor, fazer parte da jornada de cada criança e de cada família não supera nenhum valor.

Trouxe o imaginário através de histórias e muito teatro, dei asas a imaginação e a infância dos alunos, permiti que reconhecessem o processo dos sons que as letras emitem para formar palavras e assim, formei alunos com menor índice de dificuldades gramaticais, com leitura e escrita fluída, bem como um

maior nível de interpretação, por sempre instigá-los a pensar e questionar.

Atualmente com a graduação concluída, especialmente neste mês (Abril/2023), completam três anos em que vivo das aulas particulares e sou reconhecida pelo meu trabalho, passei por várias famílias que compõem comunidades escolares, estaduais, municipais e privadas. Há oito meses, tenho um CNPJ que leva meu nome e o conhecimento às crianças, especialmente aos alunos com dificuldades e transtornos de aprendizagem.

Toda a bagagem que cultivo desde 2015, onde iniciei meus estudos como professora me levaram no último ano, realizar especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, trabalhando com os alunos da Associação de Cegos de Passo Fundo e também meus alunos com dificuldades, fez tamanha diferença na forma de abordagem e expansão de compreensão do estilo de aprendizagem.

Reconhecer como ativar lobos cerebrais me deixa entusiasmada, logo ampliei minha paixão por histórias, ler e escrever, com aplicação da neurociência na educação, a qual também é razão pela minha segunda especialização: Neuropsicopedagogia. Fazer viver os processos de forma lúdica e prazerosa, tornou-se meu compromisso.

Considerações finais

Nossas histórias são únicas e dentro de cada trajetória há uma explicação. Os fins sempre justificam os meios. Sou apaixonada por minha profissão, respiro ser educadora cem por cento do meu tempo. A vontade de uma jovem senhora, em ter uma biblioteca acessível desde seus remotos desejos, fez vingar as sementes de amor pelos contos de “Era uma vez, ...”, que projetou em mim.

A integralidade do ser humano não está em ser bom em tudo, mas procurar realizar doando o seu melhor. Aprendi que tirar notas ruins, não são as luzes dos túneis se apagando, são alavancas

impulsionando a partida. Retomo a importância de saber absorver o que há de melhor, mesmo nas desaprovações.

Recalculando a rota tem sentido quando se enche o pulmão com ar puro, cheio de esperança, pois onde houver vontade de lutar pelo que se ama, haverá felicidade, haverá inclusão e não, não existirá solidão. A dor está presente no processo evolutivo, porque somente quando saímos do nosso lugar, podemos enxergar o porquê dele saímos.

UMA CARTA A UMA PROFESSORA COM OLHOS VIVAZES

Lariani Acevedo

Professora Marlete, confesso que, nestes últimos meses, desde a minha entrada no mestrado, mutilei-me poeticamente. Não estou conseguindo escrever versos como antes. Quando foi sugerido que fizéssemos um trabalho mais livre, a partir de nossas subjetividades, pensei: finalmente irei escrever com mais liberdade. Mas, agora, estou tendo grandes dificuldades de, por meio de minha escrita, refletir sobre o que foi estudado em aula sobre a nossa tão desafiadora profissão de professor. Mas, pensei em começar de forma mais tênue e me deixar levar pelos teclados leves de meu notebook. Tentarei fazer o que Moran (2014, p.1) diz ser constitutivo do ser humano: “contar uma história, imaginar, olhar para o passado, o presente e futuro, reinterpretando-os, reelaborando-os, modificando-os”. Nos próximos parágrafos, trarei uma de minhas narrativas.

Os olhos de meus professores

Não me esqueço dos olhos marejados de minha professora, no ensino médio, na escola pública onde estudava. Lembro-me que eram azuis (como as águas do mar de Weddell). Eram olhos cansados. Era uma voz cansada. Era um corpo cansado. Era para ser um dia normal, mas ela teve um colapso em plena sala de aula. A partir daquele dia, eu passei a observar mais os olhos de meu professores. Lembro-me de acudi-la e dizer que tudo ficaria bem. Que ela não precisava chorar.

Não lembro se eu era parte de suas lágrimas, se havia contribuído para o pranto. Hoje consigo perceber que a lamúria era muito mais profunda. Uma turma desorganizada não seria a única causa de tantas lágrimas. Depois de alguns anos de observação - observando olhos - cheguei à conclusão de que já vi os mesmos

olhos nos olhos de outros professores. Já vi o pranto, mesmo que sem lágrimas, a voz cansada e o corpo cansado. Professores não deveriam ter esses olhos, essa voz, esse corpo.

Larossa (2002) fala sobre o conceito belíssimo de experiência, fico me perguntando: se experiência “é o que nos passa”, “o que nos acontece” (p.21), o que aconteceu com a minha professora? Com os professores? Moran (2014, p.4) diz:

A educação no sentido mais amplo é aprender - e ajudar a que outros aprendam pela comunicação e compartilhamento - a construir histórias de vida, que façam sentido, que nos ajudem a compreender melhor o mundo, aos demais e a nós mesmos; que nos estimulem a evoluir como pessoas, a fazer escolhas, nos libertem das nossas dependências e nos tornem mais produtivos e realizados em todos os campos, como pessoas e cidadãos.

Como aprender e ajudar no aprendizado de outras pessoas pela comunicação e compartilhamento quando não se tem condições para que isso ocorra? Sabemos, incansavelmente, que o professor é contador e construtor de histórias, o professor é o ser que ajuda a compreender melhor o mundo, aos demais e a nós mesmos. Também sabemos que a educação só é possível por meio do ser professor. Inclusive, Paulo Freire já nos dizia: “Educação não transforma o mundo, educação transforma pessoas, pessoas transformam o mundo”. Observo-me entrando em um colapso, diferente do de minha professora, mas um colapso. São muitos questionamentos sem as devidas respostas: como transformar o mundo trabalhando 60 horas semanais? Como transformar o mundo recebendo pouco? Como transformar o mundo sem recursos? Como transformar o mundo dentro de uma sociedade que vê o professor como um ser neutro, que não pode se posicionar perante as injustiças e as opressões?

Segundo Pinheiro e Sartori (2022), a educação não pode limitar-se ao ato de ensinar, a instruir os sujeitos, e, conseqüentemente, tornar-se um objeto à mercê da economia. Os autores explicam que não podemos ver a educação de uma perspectiva que a isole de aspectos sociais, culturais e políticos. Então, fica a pergunta: como construir

conhecimento dentro de um contexto que quer nos condicionar a sermos “despejadores” de conteúdo? Como professores, não queremos ser navegadores da superficialidade dos acontecimentos, sem construir um sentido mais profundo para a nossa existência (Moran, 2014). Queremos ir além, mas para isso, precisaremos ser mais que gente, precisamos ser agentes. Agentes no sentido de agir, agentes no sentido de ajuntar, no sentido de atuar, de operar, de construir novas formas de pensar e de ensinar. Isso só será possível se nos posicionarmos perante as injustiças, aos preconceitos, as opressões e aos opressores. Mas, lembremo-nos, o sistema não quer um professor assim. As comprovações estão surgindo todos os dias nos jornais, agora, neste mês uma professora foi afastada por fazer menção ao pronome neutro, ela não ensinou, ela não obrigou. Muito pelo contrário, ela apenas explicou (para uma aluna que perguntou) o porquê da existência. Isso deveria ser algo normal, não? Bakhtin já nos ensinou incontáveis vezes o quanto a língua é viva. Além disso, quando casos como esse surgem, conseguimos identificar que a questão central não é o pronome neutro em si, mas quem faz o uso dele: a comunidade LGBTQIA+ (língua é poder). E, por conseguinte, também conseguimos identificar que a escola que demitiu a professora era uma instituição com valores conservadores. E assim, nós, professores de uma língua viva, seguimos vivendo neste círculo vicioso em que ela não é mais viva, mas condicionada³. Nossa língua está subordinada a viver em um cárcere linguístico: palavras proibidas.

Dentro de uma sociedade como a nossa, segundo Pinheiro e Sartori (2022, p.97), que vive a “lógica do neoliberalismo que representa um modo para que o capitalismo recomponha-se, considerando imprescindível que o sujeito - o trabalhador, seja formado para operar com técnicas que aprimorem o êxito do capital”, certos questionamentos feitos anteriormente começam a ter algumas possíveis respostas. E a partir disso, é como se um

³ Ao mencionar esse condicionamento da língua, faz-se necessário trazer o conceito de “Elitismo sócio-cultural” calcado por Cesar Calejon.

quebra-cabeça começasse a ser montado. Os condicionamentos sociais (inclusive os linguísticos) começam a mostrar a sua face. Uma face sem rugas, sem cicatrizes, uma face meritocrática.

Como explica Pinheiro e Sartori (2022, p.93), a ideia da meritocracia traz uma ilusão de que todos, independente de sua origem, conseguem chegar ao podium. E, acreditar nisso, sem considerar a realidade em que nós e os nossos alunos (de escolas públicas) estão inseridos, é ir em direção à “destruição”. Sim, o professor de escolas particulares também está cansado, mas não há comparação. Em função disso, não irei me ater aos obstáculos que perpassam a educação privada, que, em minha humilde opinião, afasta ainda mais a utopia de uma educação de qualidade para todos, todas e todes.

Lembro-me de uma fala de cirúrgica da Rita Von Hunty em que ela diz “A educação mudará o Brasil? Mas qual educação? A bancária?”, tal fala me fez refletir muito sobre como foi experienciar a escola, a graduação e, agora, o mestrado. Fico pensando qual foi o tipo de educação que eu recebi. E o que fez com que eu mudasse a minha concepção de educação. Cheguei à conclusão de que foi na graduação que pude transformar a minha forma de pensar e de agir, isso só foi possível graças aos professores agentes e “gente como a gente” que eu tive o *privilégio*⁴ de ter.

Durante a escola (que é base de tudo) fui formada para ser uma pessoa capaz de trabalhar tecnicamente. Não tenho recordações de aulas que exigiram um pensamento crítico e artístico. Muito pelo contrário, eram aulas que não conduziam a uma reflexão profunda. Larrosa explica que temos excesso de informação, mas informação não é experiência. Foi isso que tive na escola: informação.

Os olhos de meus professores me marcaram, fizeram-me pensar muito sobre os desafios de ser professor num país como o Brasil. A partir das reflexões propostas sobre a condição dos

⁴ Segundo o dicionário a palavra *privilégio* significa vantagem; direito... Quantos conseguem “tirar vantagem” e chegar à Universidade?

professores e da educação, percebe-se que nós continuamos a emergir das profundezas de nossas utopias, como diz o poeta Galeano⁵: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”. Sigamos caminhando na direção de uma educação transformadora, cheia de experiências e com olhos vivazes.

Referências:

FAVERO, Altair *et al.* Cap. 7 A educabilidade política do educador no fazer docente: formação de capacidades para atuar no contexto escolar contemporâneo. *In.*: **Leituras sobre pesquisa em política educacional e a teoria da atuação**. Editora Livrologia, Chapecó, 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/359847694_Leituras_sobre_Pesquisa_em_POLITICA_EDUCACIONAL_e_a_TEORIA_DA_ATUACAO Acesso em 24 out de 2023.

GALEANO, Eduardo. **Utopia**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs>> Acesso em 15 de jun de 2024.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001. Tradução de João Wanderley Geraldi.

MORAN, José. Construindo novas narrativas significativas na vida e na educação. *In.*: PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. **Narrativas e mídias na escola**. Série Novos Olhares, v. 7, Frederico Westphalen: URI, 2014. p. 43-58.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs>> Acesso em 15 de jun de 2024.

POR UMA EDUCAÇÃO QUE LIBERTE E TRANSFORME

Lissara Kaiuane Delphino Alves

Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.

Paulo Freire

Parte 1: Há vida do outro lado do túnel

Recentemente, estive no Rio de Janeiro. Na ocasião, aproveitei para conhecer o Museu de Arte do Rio, localizado na parte histórica da cidade. Eu amo museus. E qual não foi a minha surpresa quando vi, logo na entrada do MAR, um banner gigantesco de Carolina Maria de Jesus. Eu não sou o tipo de turista que investiga a programação antes de visitar esses lugares culturais e foi por isso que saber da exposição itinerante de Carolina me deixou duplamente feliz: primeiro, por ser uma exposição sobre uma das autoras mais importantes da literatura periférica; segundo, porque não estava esperando algo assim e é muito bom ser surpreendida positivamente de vez em quando.

A exposição ficava no primeiro andar, mas a visitação começava pelo terceiro. Então, passei por todos os outros andares que também eram feitos de arte, literatura, música, gente e vida até descer o último lance de escadas que me levou ao “Brasil para as brasileiras”, nome dado à exposição da autora.

Todas as paredes eram vermelhas, um vermelho escuro, pouco vibrante, e estavam cobertas por um acervo de registros históricos que era muito completo, composto por textos explicativos, obras de arte, fotos, recortes de jornal e utensílios domésticos. E bem no meio dessa primeira sala, protegidos por uma caixa de acrílico, estavam dois dos diários de Carolina. Me aproximei com o coração pulsando mais forte e não contive as lágrimas de emoção ao ler as palavras que contavam, por meio daquela caligrafia tão

rudimentar, naquelas páginas amareladas e gastas pelo tempo, a história de Carolina. A Carolina moradora da favela do Canindé, a Carolina mãe solo de três crianças, a Carolina pobre, preta e que mal sabia ler e escrever.

Há vida do outro lado do túnel. Essa era a frase que estava escrita na entrada da passagem que dava acesso a uma segunda sala da exposição. Do outro lado do túnel havia a segunda parte da história: de catadora de papel a escritora. As paredes ainda eram vermelhas, mas o acervo era outro. Agora, era possível saber sobre a trajetória de Carolina na literatura. Havia trechos dos seus livros, poesias e contos, fotos de sessões de autógrafos, entrevistas, registros de encontros memoráveis como a vez que Clarice Lispector teve o prazer de conhecê-la pessoalmente.

Terminei a exposição vivendo um misto de sentimentos. Como leitora, me senti maravilhada pela oportunidade de mergulhar no universo de uma escritora muito importante para a minha formação. Como mulher negra, me senti representada ao ver Carolina ocupando lugares que a sociedade sempre fez questão de dizer que não nos pertenciam. Como professora, me senti inspirada ao perceber que Carolina mal sabia ler e escrever, mas escreveu. Escreveu e ajudou a dar tom, forma e cor a um novo movimento literário no Brasil. Porque, sim, há vida do outro lado do túnel. Onde há educação, há vida.

Parte 2: por uma educação que liberte e transforme

Eu não lembro exatamente quando decidi que seria professora. Dei minhas primeiras aulas quando eu tinha uns nove anos de idade. Foi num sítio no interior de Minas Gerais. Decidi que iria ensinar o meu avô a ler e a escrever. Minha estratégia era repetir tudo que a minha professora fazia na escola e parece que meu plano deu certo. Afinal, meu avô agricultor e analfabeto, seguiu na lida do campo, mas analfabeto deixou de ser quando aprendeu a assinar o nome e a ler algumas palavras. Será que foi nesse momento que recebi o meu chamado?

A bem da verdade, acho que esse momento de escolher uma profissão não existiu para mim. Eu sempre soube que seria professora e só me coloquei em movimento. Aos quinze anos, ingressei no Curso Normal e aos dezessete anos, já dava aulas formalmente. A sensação era de que havia encontrado o meu lugar no mundo. Durante o período de 2010 a 2013, trabalhei em bibliotecas escolares, participei de diferentes feiras literárias como contadora de histórias e realizei diversas atividades culturais no município onde estudava. Também atuei na Educação Infantil e anos iniciais e tive a oportunidade de trabalhar com a alfabetização e letramento, além de realizar diferentes práticas voltadas para a formação leitora de crianças.

Aos dezoito anos, ingressei no Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Mesmo sem saber ao certo em qual área atuaria, o universo das palavras sempre foi o meu lugar preferido. Por isso, não demorou muito para perceber o quão acertada havia sido a minha escolha. Bolsista de iniciação científica, PIBIDIANA, JORNADETE, foram vários “títulos” recebidos ao longo dos quatros e meio de faculdade. Além do comprometimento e empenho em cada disciplina, semestre após semestre, fui uma acadêmica ativa e fortemente ligada a projetos, seminários, congressos e demais eventos organizados pela UPF e outras instituições de ensino.

Aos vinte e dois anos, me formei e comecei a atuar em escolas como professora logo após a minha formatura. Fui professora titular de Língua Portuguesa nas turmas das séries finais do ensino fundamental e de Redação nas turmas de ensino médio em diferentes escolas da rede privada da cidade de Passo Fundo. Aos vinte e quatro anos, tornei-me co-fundadora do Laboratório de Linguagens Karenina, um espaço para o ensino de redação. Além dos cursos ofertados na modalidade online, iniciei um trabalho de produção de conteúdo nas redes sociais buscando incentivar a escrita que prioriza o tratamento argumentativo do texto com autonomia e criticidade.

Aos vinte e oito anos, passei no processo seletivo para o mestrado e estou prestes a concluir o segundo dos quatro semestres de duração. E tudo isso que acabei de relatar pode ser facilmente encontrado no meu currículo no Lattes, basta “dar um google”. Quase vinte anos separam a menina de nove anos que sonhava em ser professora e a mulher de vinte oito que não só realizou esse sonho, como segue sonhando voos cada vez mais altos. Mas, isso não está escrito no Lattes. Sabe o que mais não consta por lá?

Não consta que na época do magistério, eu tinha de trabalhar para pagar o ônibus que me levava para escola. Por isso, arranjei um estágio na biblioteca de uma escola à noite onde funcionava a EJA. Certo dia, preparei uma contação de história com a temática de halloween. Na ocasião, iniciei a leitura dramatizada de uma história para uma plateia repleta de homens e mulheres que tinham idade para serem meus pais. Lembro-me de uma senhora que se divertia com as trapalhadas da bruxa da minha história e cobria parte do sorriso com a mão, enquanto seu corpo chacoalhava no ritmo da sua risada. No final da atividade, ela veio até mim e disse que nunca tinha ouvido uma história assim e perguntou se eu poderia emprestar o livro para ela contar a mesma história para sua neta. Essa experiência me ensinou que a literatura sempre seria uma forte aliada na minha sala de aula. Porque ela faz rir, porque ela emociona.

No Lattes também não consta que, como mencionado anteriormente, estive envolvida em inúmeros projetos ao longo da minha trajetória acadêmica. Entre eles, o PIBID¹ que ocupa um lugar muito especial em meu coração. Além de ter me tornado uma professora muito melhor devido ao aprendizado que construímos ali, aos sábados pela manhã, a professora que coordenava o programa nos recebia com um café. Era simples, mas tão generoso. Ela possivelmente não sabe, mas, por muito tempo, aquelas manhãs foram o ponto alto da minha semana. Eu estava a muitos quilômetros de casa e ela, juntamente aos colegas, era o mais próximo de uma família que eu poderia ter naquele momento. Essa

experiência me ensinou a importância de olhar para os nossos alunos com empatia e acolhimento. Antes de educadores, somos humanos. E exercer a nossa humanidade num contexto de sala é tão importante quanto o conteúdo que precisamos lecionar.

Consta nos Lattes todos os lugares onde atuei como professora há mais dez anos, mas não há espaço para descrever todas as experiências que vivi. Não há espaço para falar da satisfação que eu sinto por ter participado de tantas histórias, nem dos aprendizados adquiridos ao estar em contato com alunos de todas as idades. Não há espaço para falar da emoção durante os discursos lidos como paraninfa nas formaturas, nem do orgulho a cada aprovação no vestibular, nem do carinho em forma de cartinhas feitas à mão e nem dos abraços carregados de afeto.

No Lattes não há espaço para falar que a minha sala de aula pode ser onde eu quiser que seja. Num salão paroquial, como a vez que fui trabalhar leitura e produção textual numa comunidade de periferia; num galpão de reciclagem, como a vez que fui trabalhar como alfabetizadora de catadores de lixo de uma cooperativa; num palco de teatro, como a vez que reuni mais de duzentos alunos para dar aula de redação; na sala de estar, como a vez que todos nós fomos forçados a ficar em casa durante a pandemia do covid-19 e tivemos que aprender a dar aulas somente pela tela dos nossos computadores. Em resumo, aprendi que o processo de ensino-aprendizagem acontece seja onde for. Isso porque a educação tem a ver muito menos com as paredes de concreto e tijolos da escola e muito mais com os sujeitos que fazem parte dela.

E, talvez, esta seja a minha real intenção com esse texto: ilustrar, a partir das minhas próprias vivências, a educação que realmente me move como educadora. Nesse sentido, eu acredito e defendo a ideia de que a sala de aula é, principalmente, um espaço de diálogo, de atividades, de descobertas. Reunindo, sobretudo, diferenças, é um ambiente privilegiado para a troca de ideias, para o confronto de interpretações, para a diversidade de leituras e para a experiência. E a experiência, como bem descreve Jorge Larrosa, é aquilo que nos passa, que nos acontece, que nos toca.

Em um mundo que se reinventa constantemente, uma educação pautada na experiência surge significativamente como um farol para orientar e alumiar o fazer pedagógico de cada professor. Assim, faço disso tudo a minha missão, pois entendo a necessidade de romper com paradigmas ultrapassados, privilegiando uma educação que não apenas informa, mas que, sobretudo, inspira e empodera cada aluno na construção de seu próprio conhecimento.

P.S.

Há mais uma coisa que também não consta no meu currículo. Quando prestei o vestibular e soube que havia passado em primeiro lugar, fui dormir chorando pois, talvez, não conseguiria começar a faculdade naquele ano. Sou oriunda de uma família de origem muito humilde. Filha de um pai aposentado por invalidez e de uma mãe artesã, sempre soube o que era passar dificuldades financeiras em casa. No entanto, o que faltava em dinheiro, sobrava em apoio, amor e incentivo. Dava pra sentir a enorme alegria do meu pai em saber que sua filha mais velha seria professora: “a profissão mais nobre de todas”, ele dizia. E no fim, tudo deu certo. Minha matrícula foi feita com dinheiro emprestado e o restante do curso foi custeado pela bolsa integral que ganhei pelo Prouni, fato que sempre me orgulhou.

A verdade é que se meu pai ficou feliz quando soube que eu seria professora, imagino a festa que ele faria quando soubesse que em breve serei mestra em Letras. Ele faleceu um ano depois da minha formatura e estaria mentindo se dissesse que não sinto muito por ele não ter vivido mais tempo e ter visto a professora que me tornei. Uma professora que assim como Carolina Maria de Jesus, teve sua vida transformada pela educação.

Numa vida de sofrimento e marcada por inúmeras injustiças sociais, saber ler e escrever foi o grande trunfo de Carolina. No meu caso, saber ler e escrever também me libertou. Ela se tornou

escritora. Eu me tornei professora. A primeira filha a ir para a universidade, a primeira neta a cursar a pós-graduação.

Essa é a verdadeira educação que queremos: a que liberta e transforma. Seguimos.

PROFESSORA NA PRÁTICA E NO CORAÇÃO

Lóris Marta Matozo Soares Xavier

Todo bom mestre,
Deixa sucessor.
Lóris Marta, a cada semestre,
Segue a missão da mãe com amor.
(Trecho extraído do livro *Expressões do Coração*)⁶

Uma escola para a vida toda

Dentre as tantas histórias que lemos, ouvimos e recontamos, a narrativa mais significativa, autoral e legítima é aquela que escrevemos sobre nós, pois confere uma subjetividade ímpar na exposição do relato. Essa escrita intencional e deliberada é um exercício necessário e oportuno, afinal a relação inevitável que envolve o passado e presente emergentes desse processo evoca lembranças e memórias que constituem marcos importantes e diria até salvíficos de nossa existência. Estamos diante de um empreendimento que requer a habilidade de seleção dos fatos, àqueles que são elementares na trajetória até aqui, sendo que há muita coisa a ser dita.

O primeiro deles é que fui gerada por uma emérita educadora, uma autêntica mestra na arte de ensinar. Essa professora deixou um legado inequívoco em minha vida pessoal e profissional. Sob sua forte influência, em meu lar aprendi preciosas lições e saberes que me representam cotidianamente enquanto professora na minha ação docente. A educação que obtive e a qual estava exposta, figura um conceito devido sobre a educação. Para Moran (2014), de forma ampla, a educação traz consigo a insígnia do aprender e que

⁶ Livro escrito por minha tia Marta Matozo, também professora. A publicação ocorreu após o falecimento da minha mãe Maria José Matozo Soares (*in memoriam*).

não decorre de uma ordem exclusivista, pelo contrário. É ajudar a que outros aprendam pela comunicação e compartilhamento - a construir histórias de vida, que façam sentido, que nos ajudem a compreender melhor o mundo, aos demais e a nós mesmos; que nos estimulem a evoluir como pessoas, a fazer escolhas, nos libertem das nossas dependências e nos tornem mais produtivos e realizados em todos os campos, como pessoas e cidadãos. A educação de qualidade favorece a construção de histórias relevantes e por isso o projeto de vida é a grande história que precisa ser estimulada em cada aluno pelos adultos.

Minha mãe enfrentava uma jornada diária de três turnos de trabalho distribuídos na área do ensino e gestão escolar e recordo as muitas vezes que a buscamos na escola, localizada próximo de onde morávamos. Era seu último itinerário e buscava fazer algo por ela, ainda que fosse carregar seus materiais e de alguma forma aliviar um pouco do encargo daquele dia. Embora não pudesse estar tão presente fisicamente conosco, me regozijo em pensar o quanto ela foi uma mãe presente mesmo na ausência. Ela era firme, constante e magicamente em seu pouco tempo ainda cobrava nossas lições e repassava a tabuada. Os princípios estavam ali em tudo que ela fazia e dizia.

Como filha de professora, acompanhei a minha mãe em algumas escolas e como era mágico! Eu era a filha da profe Mazé e isso me rendia uma posição honrosa. Que privilégio o meu, eu pensava...

Ela era rígida enquanto docente, mas seus alunos a estimavam demais. Aprendi que a pessoa que ama também disciplina, restringe, estabelece limites e impõe regras. Quanto conhecimento adquiri! Quanto amadurecimento obtive! Pude experimentar os benefícios de uma educação prática, com disciplina e repleta de amor. Crescer sob a tutela de uma exímia educadora, me proporcionou aprendizados insondáveis e deixou marcas indelévels no regimento do meu saber profissional e percurso formativo.

Professora Mirim

Após esse primeiro relato, o segundo fato se deve à hegemonia dessa educação em minha vida: decidi ser professora. Decerto, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. (Larrosa, 2000, p.21). Os acontecimentos que serão narrados a seguir assinalam o quão significativas foram as experiências que vivi, me outorgando a feliz oportunidade pelo ensino.

Enquanto estudante buscava cumprir com minhas atribuições, visto que era minha primeira profissão e minha tarefa dentro dessa função era estudar. Ao prezar pelo certo, muitos colegas certamente já ficaram com raiva de mim por não passar aquela “cola” na hora da prova. Bem, isso eu não podia fazer, mas tinha algo que estava ao meu alcance, o de auxiliá-los nas questões escolares para que melhorassem seu desempenho, o que os levou a frequentar minha casa para estudarem para a prova. Provavelmente por essa razão, me fizeram uma proposta que mais adiante me faria entender a minha vocação. O pedido foi para que eu desse reforço escolar regularmente e que me pagariam por isso. Quem sabe essa teria sido minha primeira ação empreendedora (risos), mas minha mãe me instruiu que poderia seguir com esse plano de suporte aos colegas só que voluntariamente.

Tive a feliz oportunidade de ser bolsista durante meus estudos e assim fui trilhando minhas experiências no fundamental II, até que eu mudei para um internato em Cachoeira/BA para estudar o ensino médio, também através da concessão de bolsa. A escolha pela docência. Nesse colégio interno, conhecido como Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), concluí o ensino médio e precisava decidir quanto à faculdade que cursaria. A faculdade ofertava boas opções de curso, sendo um deles Pedagogia. Naquela ocasião eu poderia voltar a Recife e contar com a nota do Enem para escolher outro curso, mas não foi isso que aconteceu.

Minha mãe ficou feliz e eu também ao optar pelo curso de Pedagogia, pois seria a única filha a seguir seus passos. Como já era

bolsista, consegui manter esse benefício para a faculdade, na qual eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. Cursei dois anos de Pedagogia e precisei trancar a faculdade para cuidar de minha mãe devido à descoberta de um câncer em estágio avançado. Retornei a Recife e fiquei durante um ano e meio. Nesse período iniciei estágio, na mesma escola que outrora fui aluna para de alguma forma poder somar no financeiro em casa. Entre as atividades de estágio e cuidados da minha mãe, iniciei um curso de Libras básico que contribuiu sobremaneira na área distintiva que viria a atuar dentro da pedagogia. Essas atividades que realizei foram importantes para que eu pudesse me estabilizar diante do momento mais difícil da minha vida: minha amada professorinha descansou.

Professora na prática e no coração

Gosto muito desse título porque remete à história de vida de minha mãe, da qual eu faço parte. Me espelho na professora incrível que ela foi, sua dedicação e ensinamentos. Para Tardif (2000, p.14), “em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior”. Seguramente, somos constituídos daquilo que vivenciamos e experienciamos e nessa trajetória a minha mãe exerceu um protagonismo na construção dos saberes profissionais que norteiam a função educacional que preciso desempenhar em minha práxis pedagógica.

Além da minha mãe, tenho uma tia que é professora e que também se enquadra perfeitamente na titulação acima. Mas a escrita dessa frase, foi de fato dedicada por ela à minha mãe que foi igualmente sua motivadora no âmbito educacional. Esse é o título de uma de suas poesias autorais contidas no livro “Expressões do Coração”. Deixo registrado alguns recortes da poesia “Professora na prática e no coração”. (Matozo, 2013, p.33).

Maria José teve um sonho,
Que iniciou na infância,
Ser professora, mestre e educadora,
Orientando cada criança.

[...] Através da sua luta,
Lóris resolveu abraçar
Sua carreira para muita,
Criança também educar.

Estas palavras expressas por minha tia em forma de poesia, traduzem e reverberam em mim sentimentos indescritíveis. Evocam diversas memórias trazendo um paralelismo entre a história de vida de minha mãe enquanto docente. Reflexiono que a dela, foi uma história construída, percorrida e finda. A minha está em processo, aprimoramento e expansão. Conforme menciona Larrosa (2000), pensar tem a ver com nossas palavras, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Dessa forma, cada palavra dita teve esse objetivo: partilhar o que me tocou e as vivências tão significativas nessa trajetória até aqui. Sou também uma professora na prática e coração e esse título também outorgo a mim, afinal como diz o ditado: “o fruto não cai longe do pé”. De fato, isso é o que me passa e o que me acontece.

Referências:

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001.

MATOZO, Marta. **Expressões do coração**. Recife: Renascer, 2013

MORAN, José. Construindo novas narrativas significativas na vida e na educação. *In*: PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. **Narrativas e mídias na escola**. Série Novos Olhares, v. 7, Frederico Westphalen: URI, 2014. p. 43-58.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. n. 13, Jan-Abril 2000.

SER HUMANO

Lucas Danielli Marinho

palavra

palavrão

palavreado

palavreador

poesia

poeta

poetisa

poético

língua

linguagem

linguista

linguística

lembro-me de uma situação a qual vivi no ensino fundamental.

desde sempre fui visto

como a “**Criança Viada**”
aquela.
aquela que só
brinca com as meninas
não sabe jogar futebol
não caminha, desfila
não gostava dos ditos
“brinquedos de meninos”
não era Humano
era “**Criança Viada**”
meu hobbie preferido
era pegar os barbantes de
crochê de minha avó
e fazer perucas
essas eram minhas bonecas
cabelos longos, curtos,
cacheados, lisos, presos ou soltos
passava horas brincando
escondido, obviamente.
na escola o assunto jamais surgiu.

lembro-me daquele ano, não era mais uma criança, já estava me tornando um pré-adolescente, não conseguia mais *esconder* trejeitos ditos femininos.

VIADO BICHINHA

aquelas *Palavras* ressoavam sobre o meu caminhar. uma colega não aceitava que nada seria feito. decidi, então, contar ao professor de *Língua* portuguesa. não deu outra. um dia depois meus pais foram chamados para conversar. pensamos, agora tudo irá mudar. e, de fato, mudou.

-
-

-
o professor não comentou sobre a Homofobia. havia chamado os pais do aluno errado, não era sobre mim, óbvio que não, jamais fora visto ou escutado. jamais fora Humano. desta vez não seria diferente. a situação continuou até o fim do ensino fundamental, quando troquei de escola.

naquele dia algo mudou em mim. eu não queria ser escutado. eu *precisava*.

-
-
-
no ensino médio não sabia qual profissão seguir. pensei em muitas, abria o site da universidade todos os dias: engenharia, arquitetura, biologia, física, química, gestão, enfermagem, fonoaudiologia, psicologia, ciências contábeis, design, jornalismo, serviço social, farmácia. meus pais queriam algo que não fosse caro mas eu tivesse retorno financeiro. um certo dia, percebi que para eu ser ouvido, aquilo que tanto queria, teria de ser professor.

mas
professor
do que?

tinha de ser de exatas, meus professores diziam-me, afinal, como poderiam perder de ter um estudante que só tirava notas acima de 8 lecionando matemática, física ou química.

matemática? só cálculos, eu pensava, não poderia ser, faltava o Humano. física? isso, ultrapassa os cálculos, era aplicado.

estava decidido, pelo menos era o que eu pensava, fui até a universidade conhecer os cursos em um evento tradicional promovido por essa, conheci física.

d
ee

cc

ee

pp

çç

ãã

oo

foi tudo por água abaixo, não me senti pertencente, não me senti Humano, muito menos interessado em cursar aquilo. estava, sim, escolhendo uma profissão. não iria fazer POR Amor, mas queria fazer COM Amor.

saí, borocochô, chocho. pensei que não era capaz nem de escolher uma profissão. bobagem a minha. como se fosse fácil como escolher entre flocos ou morango. mas, logo uma nova sala me chamou a atenção. escura. com líquidos brilhantes. explicações sobre a formação de tudo. química. o curso que escolhi.

de minha jornada em química, não tenho muito a dizer. foi um ano. um ano de completo sofrimento, me perdi de mim mesmo, chorava escorado na janela do ônibus todos os dias. os de chuvas eram os mais propícios. chegou um dia que não aguentei mais cheguei na universidade chorei entrei em sala chorei saí de lá minha respiração estava descompassada andei corri parei. vi uma corda pensei nada mais vale a pena chorei chorei muito parei. levantei corri até o setor de atenção ao estudante disse que precisava de ajuda queria trancar a faculdade queria ser Humano queria estudar eu amava fazer isso, apesar de ter perdido o gosto.

após uma não tão longa conversa, a psicóloga me disse:

segue

até o

final

desta

rua,
no último
prédio
da esquerda
peça
pela
professora
M A R L E T E
a resposta
para a
minha
dúvida
estava lá.

“tem que gostar de ler e escrever, esse é o perfil do aluno de L e T r A s”. foi o que ela me disse. eu tinha de tentar, a minha cabeça dizia para desistir de tudo, inclusive da vida, mas algo em mim não queria. naquele dia tranquei química e me matriculei em letras. BAM. ponto para mim.

-
-
-

fazer letras foi uma das coisas mais lindas de minha vida. lá aprendi que o tempo precisa ser *v i v i d o*, vivido mesmo, não corrido, sentir, apreciar, agraciar, é isto de que se constitui uma experiência. ali vivi tudo que podia. viver no sentido mais profundo da *Palavra*. ali aprendi ser *Poeta*, *Linguista* ou *Palavreador*. que engraçado és. tudo veio da *Palavra*, e foi a *Palavra* que me salvou. salvou de mim mesmo. salvou do mundo.

ser professor deu um novo sentido à minha vida.

neste último dia dos professores, recebi uma carta de dois alunos, gêmeos, 6 anos. um deles disse “o teacher Lucas é Amor”. que sorte a minha. fui lembrado pelo Amor. consegui. estou fazendo COM Amor, ensinando e aprendendo COM Amor. posso ser meio piegas agora, mas acredito que COM Amor as experiências se tornam realmente:

E X P E R I Ê N C I A S

-
-
-

escolhi trazer o enfoque dos meus estudos e trabalho para a **i n c l u s ã o**. tenho certeza que o Lucas lá de trás, a **Criança Viada**, estaria orgulhoso. afinal, ele queria ser ouvido. e hoje ele é. e, ainda, hoje ele tenta dar voz aos estudantes que não têm esta oportunidade. Erika Hilton, deputada federal brasileira, em um de seus discursos questiona: onde estão as pessoas *trans* além da prostituição e das manchetes policiais. eu abranjo esta pergunta, onde estão as pessoas caladas além do silêncio? Negros, LGBTQIAP+, PCD's, Mulheres. onde estão os alunos que, assim como eu, foram silenciados e suas dores foram invisibilizadas.

ser professor, para mim, no mais humilde lugar que ocupo, é mudança. é, também, muito trabalho. falam que nos doamos, que somos famílias. e assim não somos vistos como profissionais. nos doamos pois acreditamos no poder da educação e no resultado deste **PROJETO** de não educar, de não refletir. mas em nome da doação e de “sermos família” deixamos nossa vida de lado, trabalhamos de domingo a domingo, até de madrugada, e não somos reconhecidos. nos doamos sim, mas porque não temos reconhecimento, plano de carreira ou jornadas de trabalhos justas. mas é um trabalho, como todos os outros, não trabalhamos POR Amor. o Amor somente não nos sustenta, em todos os sentidos da

Palavra. mas trabalhamos COM muito Amor. se não pela educação continuaremos nos questionando, junto de Érika: onde estão...

ser professor é dolorido. muito eu diria. passam coisas por nós que não conseguimos mudar, mesmo que tentemos. seria meu sonho que todos os alunos que passam pela minha vida tivessem a sorte de *Experienciar* tudo que vivenciei na graduação e agora no mestrado. gostaria de responder a pergunta de Érika, e que eu mesmo fiz, desta forma: estão em uma exposição imersiva de Van Gogh; estão visitando grandes museus brasileiros; estão expondo nesses museus; estão assistindo teatros; ou atuando neles; estão no lugar que querem estar. talvez uma utopia, mas prefiro ser brega e acreditar na TRANSformação pela educação, do que projetar um mundo sem ela. mas não deixo de lutar para nos verem enquanto profissionais, reconhecidos, valorizados. se hoje sou visto como *Amor*, foi porque algum dia vi um professor desta forma também. afinal, antes de profissionais, antes de professores, somos Humanos.

COM Amor, Lucas.

MINHA CONSTITUIÇÃO DOCENTE: UM GERAL PARTICULAR

Luciana Simor Verardi

Meu ponto de partida é um lugar comum, desses bem clichês e típicos da dinâmica interna da classe média baixa interiorana. Uma família grande, onde os mais velhos renunciavam aos estudos em prol do auxílio provedor da horda e os mais novos têm a obrigação de estudar para fazer jus ao sacrifício paterno-fraternal. Tudo isso somado ao fato de ter nascido na década de 1970, em uma família de costumes conservadores (leia-se “*si hay gobierno yo estoy a favor*”). Como deve ter ficado claro, o sentido do estudo não era outro senão o de único caminho para um emprego melhor, no meu caso... o de professora.

Não foi tão clichê assim? Bom, também não foi tão ruim. De fato, optei pelo curso de magistério no segundo grau (atual ensino médio). Uma breve passagem pelos fundamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos da educação, apoiados pelos elementos didáticos fundamentais para a preparação de uma “*excelente aula*”. E eu pensei que seria a última vez.

Volto ainda mais no tempo, para os anos da minha primeira infância, e reconheço uma vocação inequívoca no cantinho do porão da casa, onde meu pai pregou três tábuas largas pintadas de verde escuro na parede, simulando uma lousa. O giz, eu comprava na bodega da dona Maria portuguesa e não durava mais que um dia (ela passou a guardar caixas para mim). Ali, uma menina de seis anos simulava aulas de ciências para os cachorros do canil ao lado, alunos assíduos e sempre curiosos.

Anos depois, nos tempos de sexta série, em férias de verão na casa dos tios que moravam “pra fora”, eu era sempre requisitada para as leituras na igreja e no centro comunitário. Era importante saber falar, era importante saber ler bem e fazer cálculos. Cresci

pensando que a palavra e a língua, sob qualquer forma de organização ou estrutura, estariam sempre em meu caminho.

Diferentemente do que minha mãe esperava, me tornei psicóloga. Novamente em voltas com as palavras, aquelas dos outros que falavam de dentro e de fora de mim. Não houve tempo para ela saber de minha volta ao mundo acadêmico, muito menos de minhas pretensões docentes. Contudo, estas pretensões estão presentes e seguem avançando por intermédio de leituras e experiências reveladoras.

Um dos textos que li que ainda reverbera em minhas elaborações sobre a docência, o de Jorge Larrosa, *“Notas sobre a experiência e o saber da experiência”*, de 2001. Nele o autor propõe a educação em termos de experiência/sentido, onde a experiência é o acontecimento que *nos* transpassa e a palavra atua como a força motriz para sua significação. É pela palavra que a experiência ocorre, é a palavra que nos coloca no mundo. Interpretamos o mundo e somos interpretados por ele (e nele, encaixados ou não) com o aval da palavra.

O sujeito moderno e, porque não dizer, o professor moderno, ávido pela novidade, assediado pela informação e cobrado pela produção, só deve temer a ausência da experiência. Que esse sujeito que também me constitui como criatura da contemporaneidade, siga cauteloso com o que lhe atravessa, excita e lhe acontece, mas busque constantemente ler o mundo nas palavras da professora Mônica Figueiredo: “no assombro de descobrir que os caminhos são muitos e as pessoas variadas, e que por isso é preciso ter, antes de tudo, tolerância e compaixão.”

PORQUE ME TORNEI PROFESSORA

Mari Carmem

Sempre admirei minhas professoras, o modo de ser de cada uma por quem passei. Quando estava no Ginásio, lá pelos anos de 1966, resolvendo um problema de matemática, minha professora Jurema pediu para que eu explicasse aos colegas. Assim eu fiz e ela me disse: você leva jeito para ser professora.

Terminando o Ginásio, me candidatei para lecionar no interior (naquele tempo, não havia concurso). Fui escolhida e assim comecei minha profissão, motivada pelo fato de ser “autoridade” no lugar chamado Rio do Peixe. Minha motivação vinha dos professores que tive e da maneira como elas ensinavam as matérias, então fui evoluindo e estudando mais. Era uma profissão muito gostosa. Sempre gostei dos alunos e tive o respeito também dos pais e das comunidades onde trabalhei.

A vontade de vencer e o enfrentamento das dificuldades da época me fizeram forte nas batalhas das titulações. Hoje, ainda encontro ex-professores, meus exemplos pessoais e didáticos. Também encontro com orgulho ex-alunos meus, grandes profissionais em vários setores. Agradeço a todas as professoras que me incentivaram na profissão e meus alunos que me orgulham por serem vencedores, assim como eu.

O SER SUJEITO PROFESSOR

Marceli Menegat

Não sou formada em licenciatura, e muito tarde descobri que o título de professor é oferecido a quem em seu currículo constar esse termo. Descobri de uma maneira cômica. Um antigo professor da graduação colocou, em sua placa de apresentação fixada em frente a sala de atendimentos, o seguinte termo que antecedia seu nome: *Prof.^o. Dr.* Para minha surpresa, ao contar em casa sobre minha admiração com a descoberta, meu marido, que é professor, me disse: “Professor é quem tem licenciatura”. Eu retruquei: “Mas ele dá aula na faculdade, foi meu professor”. Ao que meu marido respondeu: “Tudo bem, mas ele tem a titulação apenas de forma simbólica, porque ele não tem licenciatura”.

Logo comecei a pensar, “Eu também não tenho licenciatura, porém, da mesma forma, ensino em uma faculdade. Então, não sou professora?”.

Logo comecei a pensar sobre o educar desde o lugar do ensino superior, e constatei que essa tarefa implica diversas coisas. A primeira diz respeito a um conhecimento técnico. Posso eu ensinar outro a partir de minha própria prática? A educação no ensino superior nos cobra isso, não dá pra fingir que sabe, os alunos nos desmascaram, é assim que, frequentemente, boa parte do corpo docente de uma faculdade é substituída.

Por esse motivo a experiência é fundamental, mas aqui não me refiro a experiência como técnica vazia, mas experiência como vivência, aquela de que nos fala Jorge Larrosa em seu texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Esse tipo de experiência não pode ser adquirida em livros profissionais ou cursos complementares, se não na própria formação e apropriação de cada sujeito, pois nesse sentido, a experiência que se deseja que o

professor possua é justamente “o que nos passa, nos acontece, ou o que toca.”(Larrossa, 2001, p.21).

Desse modo, apenas um sujeito atravessado pelos efeitos oriundos do contato com o que vive é capaz de fazer frente a um mundo marcado pela pobreza de experiências, onde o efeito teatral estritamente tecnicista é comumente preferível, muitas vezes, até mesmo na própria academia.

Além disso, a conduta é muito importante, afinal estamos formando colegas de profissão, profissionais que podem fazer bom ou mau uso de tudo que receberam durante o tempo no curso.

Eu mesma, durante um longo período pensei que poderia fazer mais, oferecer mais, principalmente quando me deparava com a placa do meu antigo professor, toda vez que chegava em seu espaço de atendimento, escrito: *Prof. Dr.*

Um dia, tomei coragem e perguntei a ele: “como é ser professor no ensino superior?” Ao que ele me respondeu: “é antes de tudo um posicionamento ético, tu está me pedindo como é ser um bom professor, pois assim reconheceu o que recebeu de mim. Mas saiba, não é só de pessoas assim que a docência é formada, há os que estão ali pelo título, e a os que necessitam complementar a renda, tudo isso também é importante, porém, o ato de ensinar é, antes de tudo uma posição ética com aquele que se oferece, que se entrega ao conhecimento. Podemos pegar emprestada a situação de um bebê nos primeiros tempos de vida, totalmente vulnerável ao adulto cuidador, que, de fato, tem o poder de fazer o que quiser, se quiser. Nesse momento é apenas a posição ética que fará com que esse cuidador, portador de todo poder para fazer o mal, recuse-se a isso. É nesse momento que lembramos do que nos diz Silvia Bleichmar (2011) sobre a construção ética, essa que se dá não somente pela recusa a uma ação intensamente desejada, mas, principalmente, pelo sepultamento do desejo de realizá-la. Por isso, apenas o sujeito que recebeu de seus cuidadores essa mesma recusa, poderá fazê-lo da mesma maneira. Essa mesma posição ética é o que guia o educador no ensino superior, o lugar que ocupamos nos dá possibilidade de fazer o que quisermos com o

aluno, entregue ao saber, e pelo mesmo motivo, também nos recusamos. Tu poderás ser uma boa professora, se desejar se lançar nessa difícil tarefa, pois recebeu isso na tua formação e poderá repetir isso com os se oferecerem a ti para o ensino."

Meu estimado professor tinha razão sobre a posição ética, pois é com ela que sou confrontada todo semestre, a cada novo aluno que chega. É notoriamente necessário marcar o lugar profissional, sublinhando a importância da responsabilidade, do estudo, da presença e principalmente do não fazer qualquer coisa com aquele que vem necessitado de ajuda. Para Bleichmar, esse é o ponto central de todo o edifício da construção ética, mais do que somente uma recusa frente ao medo de ser descoberto ou das consequências de um determinado ato, é preciso que a renúncia seja feita, antes de tudo, pelo pudor que o sujeito sente, para ser respeitado pelo seu próprio Eu e, finalmente, amado pelo ideal. (Bleichmar, 2011)

Nesse sentido, considero que meu fazer é educativo, é de professor, mas antes de tudo é humano, porque é apenas pela relação humana que a posição ética pode ser sustentada. Da mesma maneira, a construção da subjetividade se dá na relação com o outro, assim como a instauração da lei e das normas morais, do que se deve ou não fazer. Esses são aspectos fundamentais no ensino superior, pois, o professor, não será, nesse caso, apenas o sujeito que ensina desde o lugar do saber técnico, mas atuará na relação com seus alunos, auxiliando na construção do lugar profissional.

Ainda me admiro ao olhar a placa do meu professor, fixada na frente de sua sala de atendimento, mas hoje não tenho mais dúvidas sobre o porquê desse título estar ali, conquista de anos de trabalho, os mesmos anos que precisarei também trabalhar.

Há poucos dias, depois de assistir a um evento no qual esse mesmo professor estava presente e discursou sobre o tema dos excessos de intervenções medicamentosas no mundo contemporâneo, meu marido, ao retornar do evento me disse: "foi uma fala emocionalmente, ética, dentro da universidade, para todo mundo ouvir, aluno, professor, comunidade, ele fala muito bem,

deixa claro sua posição, não há espaço para dúvida ou meias palavras”

Eu sorri, e logo pensei que, no final, o ato de educar é formativo quando parte de uma vivência profunda, a mesma, que Walter Benjamin ([2012]1936) diz estar ausente em função da tecnização e massificação do sujeito. Essa observação, nos coloca em posição ativa frente às mudanças do mundo, como sujeitos com capacidade de transformação e reinvenção, discussão fundamental quando falamos de educação e do seu lugar no futuro da civilização. No mundo contemporâneo, existe uma urgente necessidade do lugar de professor, lugar humano, que reconhece o outro e o mundo como responsabilidade sua e assume com força a mudança necessária.

Referências

BLEICHMAR, Silvia. **La construcción del sujeto ético**. 1ª edição, Buenos Aires: Paidós, 2011.

BENJAMIN, O narrador: primeira versão. *In: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da Cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001.

MINHA POSIÇÃO DE DOCENTE

Marilei Golfe Milan

Palavras iniciais

Este texto objetiva relatar a minha constituição docente e o que me levou a essa escolha. A decisão de ser docente foi na minha infância, era início dos anos oitenta, eu estava a caminho da escola atravessando um campo de futebol e usava uma saia laranja. Eu me olhava caminhando no sol e pensava que tinha jeito, cara, andar e a lindeza de ser professora.

Eu passei a acalantar o sonho em segredo desde muito pequena e sabia que quase nada favorecia, contava com minha vontade, essa sim, era grande. O ambiente era sôfrego e as conversas não eram animadoras para sair de lá e buscar independência, pois meu lugar de fala não comportava tamanho sonho.

A caminhada aconteceu com intervalos nos estudos. A docência se apresentou como se eu não tivesse feito esforço nenhum, mas eu sei o que acalentei. É difícil falar e escrever sobre as vivências, as emoções, as decisões, todas sempre foram bem guardadas e eu, às vezes, não quero falar, talvez porque fui criada em tempo difíceis que a história conta.

O impacto de chegar no dia de início da docência e ouvir falas nada animadoras e que eu pensava ser bagunça na minha cabeça, foram marcantes. O acolhimento existiu minimamente e, mesmo assim, eu fiquei e falei aos alunos, pois assim como Larossa, “eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (Larrosa, 2002, p. 21).

Refletir sobre a minha constituição docente e o que isso tem provocado na minha vida, é prática que tenho feito durante a leitura de artigos, desde a Dissertação e agora para a Tese. Cada

artigo lido significou uma pequena mudança na minha constituição docente e, porque não, humana. Os atravessamentos do isolamento e do pós-isolamento ao me fazerem buscar refúgio na escrita e nas leituras, proporcionaram momentos de cura, pois estudar para prática de uma aula com textos teóricos e sentir a aplicabilidade é simplesmente o que há de melhor no contexto da sociedade contemporânea.

A formação à docência

Deve ser interessante conseguir relatar as experiências docentes em livros, há de ser tão interessante como ler depois. Eu estou fazendo isso pela primeira vez de forma escrita. Em rodas de conversa ou em conversas pelos caminhos, percebo que muitas constituições docentes se aproximam, seja em início nebuloso, inseguranças ou vontades. Tudo isso misturado com a lealdade a um propósito. Quando marco minha docência com palavras, dou sentido ao que sou e ao que vai me acontecer, e ainda posso dotar de experiência que deixa de ser um mero discurso, pode fazer uma promessa de dias melhores.

Ler as teorias diversas que chegam, entendê-las e possibilitar aplicabilidade em sala de aula, só é possível porque fui alfabetizada. Foi em uma escolinha isolada, pequenina, um mimo. Lá eu desenhei as primeiras letras no caderno que eu guardava na bolsinha laranja. É... a cor laranja assim como a fruta me acompanha há muito tempo. O que me acontece, me toca profundamente desde aquele dia ensolarado, não posso cancelar minha posição docente, pois tudo me dá possibilidade de converter em ensino, isso é preciso para constituir outras profissões.

Cada vez que uma nova teoria é estudada eu fico imaginando como aplicar em sala de aula. É assim que eu fui ensinada na Escola Básica. Aprendi a interpretar com olhar atento a cada palavra, a cada formação de parágrafo e a cada texto. As leituras foram de significativa importância, sempre. As experiências que eu tenho como docente, antes de serem manipuladoras, precisam efetuar-se

em conscientização e formação capazes de fazer escolhas que acenem vindouras de cidadania.

Ao chegar no Ensino Médio, depois de um intervalo de alguns anos devido à distância da morada, percebi vontade maior de aprender, eu lia muito, ficava noites lendo, estudando sobre tudo, olhava cada material que eu tinha acesso. Eu queria continuar, mas um novo intervalo foi necessário. Ao longo de toda a minha caminhada amparada na educação adquiri competências que formaram e continuam formando minhas memórias.

No Ensino Superior, houve mais leituras, a literatura foi apaixonante e continuou sendo. Nessa época ministrei as primeiras aulas e depois disso não parei. Tendo passado um tempo, veio a Especialização, e a docência foi me constituindo. Depois de passado mais tempo, ingressei no Programa de Mestrado. O saber que vem da prática implantou créditos de experiência na minha constituição docente, no trabalho que tenho desempenhado da melhor forma que posso com o que eu tenho. As vezes preciso, conforme o teórico, “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar” (Larossa, 2002, p. 24), mas sei da possibilidade de a docência ser um caminho que eu escolhi para poder falar e ouvir as falas de outros. A interação entre quem fala ser ouvido e respeitado sem julgamento é o que mais tem me despertado compaixão nos últimos e velozes tempos.

Muitas vezes sou questionada do porquê seguir estudando e doar meu tempo buscando aperfeiçoamento, penso que na minha constituição docente devo respeito a quem me ouve e aprende comigo, e que ao me importar, talvez, eu seja, naquele momento, a única pessoa a fazer isso por quem está diante de mim. Gosto de pensar na docência como oportunidade de ser ouvinte, de ser alguém que se importa e mostra isso. Os letramentos são o que nos guiam na docência embora sejam os atos de fala e escuta que permitem as experiências grandiosas. As experiências da docência seriam incapazes de acontecer se eu usasse a imposição de limites para o alcance do saber, é preciso, no entanto, acolher o que se

passa, o que nos sucede, nos toca, nos ameaça e acontece para elegermos o melhor e direcionar para posições que marcam nossa trajetória.

Gosto ainda de muitas coisas, mas as teorias... essas me surpreendem sempre, sei que só através da minha busca por estudos de mestrado e doutorado tenho chegado a elas. Eu as recebo com paixão e sou retribuída com mais conhecimento e compromisso. Isso me define, me constitui como docente, funda a ordem ética, organiza as forças e as equilibra, é conhecimento e vida. Nesse meu saber, eu não me alforriei de aprender continuamente, sigo para o que não posso antecipar, talvez prever, mas sempre sonhar.

Também, confesso, não tive coragem ou talvez um pouquinho de doidice para refazer meu caminho de escola e rever os corredores por onde passei. Espero que o ato de escrever seja uma premissa de cumprimento de um desejo a ser realizado. Frente a isso sou protagonista que me mantenho em pé, me apodero embora não sou inatingível, e me sinto, no transcurso do tempo, alguém que é composta de aberturas para transformação.

Considerações finais

Ao findar a escrita dessa reflexão, também continuo acreditando que “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir das nossas palavras” (Larossa, 2002, p. 21). As palavras de um docente marcam muito, algumas jamais serão esquecidas, elas podem determinar as escolhas de quem as guardar.

Seremos guardiões de palavras com plenitude tão significativa ou alcançaremos a segurança de transformação que a sociedade tanto almeja? Esses e outros questionamentos movem quem nos ouve, e ao falar também nós ouvimos e refletimos nas nossas palavras. A constituição docente não comporta finitude, “essa totalidade que nós moldamos diariamente ao mesmo tempo que

somos moldados por ela” (Bauman, Mazzeo, 2020, p. 15). É progressiva. É permanente.

Referências:

BAUMAN, Zygmund. MAZZEO, Riccardo. **O Elogio da Literatura**. Tradução de Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1a ed.; 3a reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PROJETOS DE EXTENSÃO: CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E CONTRIBUIÇÃO EM DEMANDAS COMUNITÁRIAS

Milena Taliza Cazzonato

Me chamo Milena Taliza Cazzonato, tenho 23 anos e resido na minha cidade natal, Getúlio Vargas. Sou mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Além disso, ministro aulas de Língua Inglesa para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e aulas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II da instituição privada Escola de Educação Básica IDEAU – Santa Clara, de Getúlio Vargas e Língua Inglesa para o Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Estadual Antônio Scussel de Getúlio Vargas. Ainda, frequento o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Getúlio Vargas, atuando voluntariamente em prol das causas tradicionalistas, especialmente durante o período de 2016 a 2024 em que tive a honra de ocupar o cargo de 1ª Prenda Adulta do DTG Galpão Nativo, gestão 2016/2017, do CTG Getúlio Vargas, nas gestões 2018/2019 e 2021/2023 e da 19ª Região Tradicionalista, nas gestões 2019/2021 e 2023/2024.

Durante minha caminhada escolar, pude contar com o apoio e inspiração da minha família e professores, que sempre me incentivaram a seguir os meus estudos e a conhecer e adentrar o universo literário. Assim, criei afinidade com a área das linguagens, especialmente pela literatura, o que fez com que eu buscasse conhecer histórias de diversos gêneros literários. Além disso, através das atividades desenvolvidas dentro das entidades tradicionalistas que participei, pude me interessar e ter contato com a rica literatura sul-rio-grandense, a qual despertou minha curiosidade e interesse. Além disso, sempre desejei poder fazer algo pela melhoria e mudança da sociedade em que vivo e percebi

na educação a oportunidade de ajudar outras pessoas a construir um futuro melhor para si e para a sociedade como um todo. Dessa forma, as minhas preferências e experiências positivas na área das linguagens naturalmente me levaram ao curso de Letras e à Universidade de Passo Fundo (UPF), onde cursei a minha graduação de 2017 a 2021.

No decorrer desse período de estudos na UPF, participei de vários eventos e projetos que fizeram com que o meu amor pela literatura se expandisse cada vez mais. Dois deles foram a 16ª Jornada Nacional da Literatura e o Seminário de Literatura Gaúcha: Cena Contemporânea, que foram promovidos pela UPF e ocorreram no ano de 2017. Ambos eventos agregaram muito em minha formação e me auxiliaram a compreender a grandiosidade da literatura nacional e regional. O Projeto Livro do Mês, promovido pelo Curso de Letras - UPF e realizado no ano de 2017, também foi muito significativo em minha formação, uma vez que pude acompanhar debates sobre obras literárias com escritores conceituados e aprofundar o meu conhecimento acerca da escrita, revisão, publicação e recepção de obras literárias. Também destaco o Projeto Literatura em Diálogo, promovido pelo Curso de Letras - UPF e Prefeitura Municipal de Passo Fundo, especialmente a edição de 2018, em que pude participar diretamente do projeto, atuando em uma das apresentações ocorridas durante o debate sobre a obra do escritor Pablo Neruda.

Dessa forma, ao participar destes eventos e projetos, compreendi a importância do papel da literatura em minha vida, o que me levou a buscar por mais informações sobre o tema. Atualmente, como mestrande em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - UPF, atuo como integrante dos recursos humanos do Projeto de Extensão Literatura em Diálogo e das ações promovidas pelo Bando de Letras. Assim, percebo a importância de minha participação em eventos e projetos que proporcionavam a construção de conhecimento para além das salas de aulas da universidade. Ainda, percebo que as ações promovidas junto às comunidades locais resultaram em compartilhamento de saberes

ímpares que, muito provavelmente, não seriam tão bem mobilizados se não fosse a colaboração de participantes que não estão diretamente inseridos no meio acadêmico. À vista disso, é importante que se pense em práticas docentes, tanto na graduação, como na pós-graduação, que contemplem o tripé: ensino-pesquisa-extensão, uma vez que essa tríade viabiliza a produção e compartilhamento do conhecimento em diversos ambientes.

Segundo Moita e Andrade (2009, p. 269), “a indissociabilidade é um princípio orientador da qualidade da produção universitária, porque afirma como necessária a tridimensionalidade do fazer universitário autônomo, competente e ético”. Dessa forma, percebe-se a necessidade de um trabalho acadêmico pautado em um ensino de qualidade, que proporciona a realização de pesquisas científicas, cujos resultados possam ser aplicados em projetos de extensão que priorizem o envolvimento das comunidades pertencentes aos entornos das universidades. Assim, faz-se necessário a criação e incentivo de projetos de pesquisa e extensão que estejam atentos às necessidades das comunidades, uma vez que o fazer universitário pode e deve ser usufruído para além da divulgação de resultados de pesquisas em artigos, pelo contrário, ele deve solucionar problemáticas na prática. Somente dessa forma será possível promover um ensino universitário de qualidade e que proporcione melhorias na educação, logo, na qualidade de vida da população em geral.

Dessa forma, explicita-se a importância do Projeto de Extensão Literatura em Diálogo e das ações promovidas pelo Bando de Letras, ambos sob responsabilidade da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino. Esse projeto tem como objetivo geral: desenvolver atividades de promoção da leitura literária, com vistas ao aprofundamento teórico das análises dos textos e à criatividade prática na abordagem metodológica da leitura. Além disso, conta com os seguintes objetivos específicos: incluir a questão da metodologia do ensino da literatura na formação acadêmica dos alunos do curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo; realizar a

proposta de curricularização da Extensão no curso de graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo por meio da disciplina Literatura Brasileira e Identidade; ampliar a vivência de estudantes de Letras, tornado os alunos protagonistas das atividades artísticas apresentadas nos eventos do projeto; auxiliar os professores de Ensino Médio a inovarem, metodologicamente, na abordagem de obras literárias e dar continuidade às atividades do Bando e do Bandinho de Letras.

Além disso, o Bando de Letras, como atividade promovida por meio do Projeto Literatura em Diálogo, também vai ao encontro com a tríade: ensino-pesquisa-extensão. Isso ocorre pois as ações realizadas contemplam os seguintes objetivos específicos: promover maior aproximação do curso de Letras com a comunidade; exercitar a prática dos alunos como agentes na promoção da leitura; experimentar e avaliar formas inovadoras de transpor o texto escrito para a encenação, a contação de histórias, a dança, a música; estabelecer relações entre o texto de ficção e as outras artes (leitura dramatizada, projeção de slides com imagens do livro, exibição de vídeos, manifestações teatrais, composição de cenários, apresentação musical); sensibilizar as pessoas por meio da contação de histórias e declamação de poemas em língua portuguesa e em língua espanhola; promover sessões artísticas para diferentes públicos e em distintos espaços e momentos: instituições de ensino, centros de cultura, hospitais, bibliotecas, eventos, entre outros e promover o gosto pela leitura literária, contribuindo para ampliação dos índices de leitura (e de leitores) na região de abrangência da Universidade de Passo Fundo.

Dessa forma, destaco que o Projeto Literatura em Diálogo contribui para que o ensino e a pesquisa sobre obras literárias possam fazer parte tanto, dos currículos da graduação e pós graduação, como também das escolas de educação básica contempladas pelo projeto. Assim, a comunidade é inserida no universo acadêmico por meio de eventos como o Literatura em Diálogo, que busca valorizar e adentrar ao universo literário através de debates e produções artísticas sobre determinada obra,

desde os poemas de Pablo Neruda, até a distopia *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury. Além disso, pode-se citar o grupo de estudos Romance e Sociedade, aberto ao público em geral e voltado ao debate literário e estudos de qualidade sobre romances que fizeram e fazem parte da história da literatura mundial. Ainda, é importante destacar as intervenções literárias realizadas em diversos ambientes pelo Bando e Bandinho de letras, cujos integrantes são provenientes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade de Passo Fundo, além de contar com a colaboração de estudantes da educação básica de escolas do entorno da universidade.

À vista disso, concluo que é por meio dos projetos de pesquisa e extensão que o fazer acadêmico se constitui como um todo. Isso ocorre pois possibilita a articulação de diversos saberes, uma vez que, a extensão universitária oportuniza o contato com um “vasto e indispensável terreno de descobertas e aprendizagens que, acima de tudo, situa as ciências no seu justo lugar de saberes a serviço do ser humano, histórica e socialmente compreendido” (Moita; Andrade, 2009, p. 273). Assim, é notável a contribuição dos projetos que mesclam pesquisa e extensão, visto que eles proporcionam a construção de experiências e saberes acadêmicos, além de contribuírem para amenizar as demandas comunitárias.

Portanto, percebo que fiz a escolha certa ao decidir cursar a minha graduação em Letras, Português – Inglês e Respectivas Literaturas e fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos pela Universidade de Passo Fundo. Essa certeza advém do fato de que essa escolha me proporcionou, e ainda proporciona, atuar, não somente na universidade, mas também nas escolas e comunidades. Assim, tenho a oportunidade de utilizar o conhecimento científico mobilizado em meus estudos a favor das melhorias e mudanças da sociedade em que vivo, o que nada mais é do que o meu propósito enquanto professora e pesquisadora.

Referência

MOITA, Filomena; ANDRADE, Fernando B. de . Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 41 maio/ago. 2009.

NARRATIVAS DA MINHA CONSTITUIÇÃO DOCENTE

Priscila Oliveira da Luz

Conforme a citação de Paulo Freire (2016), “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde”. Quando penso nessa frase, e em seu significado, é como se eu pudesse retornar ao passado, lembrar da infância, das brincadeiras de faz de conta.

Minhas brincadeiras favoritas, de uma maneira ou de outra, me colocavam em uma situação em que eu era a que ensinava algo (chega ser engraçado). Lembro como se fosse hoje, das tardes em que eu e minha prima Larissa, brincávamos de escolinha. Tínhamos um quadro pequeno que usávamos para nossas “aulas”. Ali, cada uma de nós elegíamos um tema para aquele dia, inventávamos histórias e até conteúdo. Às vezes eu era a professora de reforço. Risos.

Essa é uma das mais lindas memórias que tenho da infância. Esse respeito pela profissão, o desejo de ser igual as professoras que eu mais admirava.

Meus pais sempre foram minha referência, minha mãe (Débora), nessa época em que eu brincava de escolinha, cursava Administração na UPF de Lagoa Vermelha, meu pai (Doil), completou o ensino médio em Lagoa Vermelha, e, independente, de ter uma titulação acadêmica ou não, é uma das pessoas mais inteligente e esforçado que conheço. Ambos, são meus heróis, minha base, sou extremamente grata por tudo que eles já fizeram e fazem por mim e por meu irmão.

Tenho a lembrança de que além de meus pais; minha tia Daniela, comprava vários livros para mim. Sempre esteve presente e preocupada comigo. Anos depois, quando eu estava no ensino médio, em nenhum momento tive dúvidas de qual curso eu faria, Letras! No entanto, mesmo com a decisão do curso, tive momentos de incertezas, (sim! Contraditório) mas essas não eram minhas incertezas. O que acontece é que, de certa forma, eu percebia alguns

olhares ou comentários de alguns familiares de que seria um desperdício eu fazer um curso para ser professora, comentários como: – ela é tão inteligente, poderia fazer outro curso. Mesmo assim, não deixei de fazer o que eu realmente queria, e agradeço a Deus por isso, não consigo nem sequer imaginar outra possibilidade que não fosse essa profissão.

Então fiz a prova do ENEM, e pouco tempo depois tive a notícia tão esperada de que havia passado! Foi surreal. Meu processo de formação acadêmica iniciou-se então, alguns meses depois, com a Graduação em Letras, no período de 2013 a 2016 e colação de grau no início do ano de 2017, na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT). Essa tradicional organização de ensino situa-se no Jardim Imperial, na cidade de Sinop, Mato Grosso. Foi nessa universidade que pude experienciar uma das fases mais importantes da minha vida. Lembro como se fosse hoje, a aula inaugural que tivemos, foi surreal; lembro dos meus colegas de graduação tão entusiasmados e admirando a apresentação de cada um de nossos professores. Logo, formamos o primeiro grupo, quase todas tínhamos 17 anos, cheias de entusiasmo e sorrisos largos. Mas hoje percebo que por trás dos sorrisos, também tínhamos tantas incertezas, inseguranças, medos e SAUDADE de casa.

De 2013 a 2017, me dediquei ao curso de Graduação em Letras, que ocorria no período noturno. Além disso, logo no primeiro mês de graduação iniciei com uma bolsa na própria universidade. Essa bolsa foi muito importante para meu processo de formação acadêmica. O projeto era organizado durante a semana com a escolha de um filme para ser passado para todos os alunos que tivessem interesse. O filme era passado aos sábados, eu era a responsável pela seleção, organização do anfiteatro e divulgação nas salas de aula.

Após assistirmos ao filme, sempre tínhamos debates. Me recordo de alguns filmes que os debates foram muito interessantes, como por exemplo: V de Vingança (2005), que retrata basicamente a ocupação da Inglaterra por um governo fascista (após uma guerra mundial), e vive sob um regime totalitário. Em contrapartida temos

o protagonista, um vigilante conhecido apenas como V, que utiliza de táticas terroristas para enfrentar os opressores da sociedade.

Outro filme que marcou muito essa etapa acadêmica foi - *Moça com brinco de pérola*, que conta com atuações perfeitas, emoções à flor da pele, além disso, todas as artes como: música, pintura, e arquitetura ajudam com uma perfeita concepção do filme. A família de Vermeer é extremamente religiosa e aparentemente é uma família com boa condição financeira.

Além dessa atividade, no período vespertino eu trabalhei durante os 4 anos da graduação pelo CIEE - MT, onde tive experiências desde monitoria com alunos de 2 anos até alunos de 14 anos. Em uma das escolas em que trabalhei como monitora, conheci o Emanuel, um aluno com síndrome de Down, inclusive quando ele trocou de escola foi solicitado por parte da família que eu pudesse acompanhá-lo. Foi uma das experiências mais gratificantes e lindas que vivenciei nesse tempo.

No segundo semestre da graduação, iniciei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que facilitou o meu crescimento pessoal e profissional, tendo como resultado o trabalho de conclusão de curso, através do projeto intitulado “Hora do Conto” (2015 a 2017), desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Básico Professora Ana Cristina de Sena, localizada na rua dos Cambarás, no 1942, Jardim Novo Estado Sinop, Mato Grosso.

No trabalho abordei as estratégias de leitura, apresentadas por Izabel Solé; contexto e sociedade, considerando os conhecimentos prévios do aluno, suas experiências de vida e leitura. Trabalhei na Escola Estadual Francisco Saldanha Neto, na cidade de Tabaporã-Mato Grosso, onde assumi o concurso no ano de 2018, tendo como disciplina de regência Língua Portuguesa, para anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A experiência de sala de aula foi desafiadora e ao mesmo tempo instigante. Sem dúvidas, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), me auxiliou muito nesse processo.

No ano de 2019, estive na Coordenação da Escola Francisco Saldanha Neto, o que possibilitou um olhar mais abrangente das

práticas pedagógicas em sala de aula e a verdadeira importância da ação-reflexão-ação, para que o processo de aprendizagem seja significativo e consistente.

No ano de 2020, eu e meu esposo David, nos mudamos para o estado do Rio Grande do Sul, na cidade de São Francisco de Paula, para isso pedi um afastamento para acompanhamento de cônjuge do concurso realizado em 2018.

No ano de 2021/2022 trabalhei na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Francisco da Costa Lisboa, com as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola (que estou terminando a segunda graduação). Essa escola foi muito importante em minha vida como professora, foi uma experiência que jamais esquecerei, pois até então eu havia trabalhado no Mato Grosso, com alunos no ensino médio, quando comecei aqui no Rio Grande do Sul as turmas eram de 6º a 9º anos.

Me senti muito acolhida pelos colegas de trabalho e alunos, esses alunos farão parte da minha vida e trajetória para sempre, não teria palavras para descrever o vínculo que criamos nesse tempo. E, sinceramente, desejo que todo colega de profissão, tenha essa sensação.

Essas memórias verdadeiras e que têm tanto impacto em minha vida me fizeram pensar na primeira leitura que trabalhamos na disciplina de estágio, “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, de Jorge Larrosa. E neste momento nem me refiro a experiências verdadeiras no que diz respeito aos conteúdos, mas de todas as experiências mais lindas que tive com esses alunos.

Eu passei por momentos difíceis na época em que os conheci, e eles mesmo que alguns não tenham ideia, me ajudaram de uma maneira que não tem palavras que expressem essa gratidão. Também sei que talvez algumas atitudes que tive e que eu nem tenha me dado conta de que pode ter ajudado algum aluno. Foram tantos relatos, tantas experiências, dessas que nos tocam! Experiências reais.

Ganhei até uma afilhada nesse meio tempo, isso mesmo, sou madrinha de uma dessas alunas, a Duda. Tenho até uma coleção de

fotos com esses alunos... são muitas memórias. Eu dizia que eles eram meus pitocos!!!

Essa experiência que Larrosa pontua, é cada vez mais rara, por esse motivo, creio que quando penso no meio escolar, essa experiência que contei brevemente faz total sentido para mim. Essa foi AQUELA experiência verdadeira.

DA EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO À EDUCAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: BREVE REFLEXÃO SOBRE UM PERCURSO FORMATIVO

Rafaela Oppermann Miranda

Nota preliminar

Tal como o faz Millôr Fernandes (2018) em sua “Introdução” a *Eu sozinha*, livro inaugural de Marina Colasanti, datado originalmente de 1968, devo alertar que, definitivamente, estas páginas se distanciam de uma tonalidade autobiográfica na medida em que meu objetivo, com elas, está muito mais em dar a conhecer marcas de um processo formativo em curso do que contá-lo em sua integridade, pois isso seria demasiado exaustivo e mesmo inconveniente. Com efeito, preciso registrar ainda que, em sendo o apresentado uma espécie de narrativa pessoal, diferentemente do que se poderia pensar, não figuro ao centro sozinha, pois influências advindas de meu exterior assumem lugar categórico na tessitura textual.

Da experiência da educação

Do que me lembro, desde sempre fui aficionada pelo ambiente escolar, embora por vezes ele me tenha sido, em certa medida, hostil devido a motivos que, absurdos, não merecem atenção aqui. Contudo, não foi o amor pela escola em si que me conduziu à profissão docente, mas sim o gosto pelo humano.

Ingressei em Letras – Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul motivada, principalmente, pelo fato de me considerar “uma pessoa de humanas” e o curso se apresentar, então, como uma realidade próxima e acessível. No primeiro ano é que entendi o que já devia saber: tratava-se de uma licenciatura e,

portanto, de uma formação para ser professora! Encarado o fato, descobri algo revigorante: o papel de mediadora em sala de aula se mostrava disparador de um frio na barriga que, a meu ver, expressa muito do que considero ser *sentir a vida pulsar*.

Estar em diálogo com outros, construindo leituras, era o que eu mais gostava da escola. Agora, sendo professora, esse continua sendo o maior barato. Dessa minha experiência, extraio uma certeza com a qual busco operar: educação pressupõe tempo e disposição para o outro.

Da educação da experiência

Para dizer o que digo, encontro ancoragem sobretudo em Larrosa (2002, 2011). Esse pensador espanhol entende que, no mundo atual, a experiência se tornou coisa rara, em razão tanto da abundância de informação e de opinião quanto da falta de tempo face ao excesso de trabalho. Nessa perspectiva, afirma que a experiência só pode surgir como o encontro com o outro (a alteridade), encontro esse que tem seu lugar de acontecimento no *eu*. Com isso, o sujeito da experiência não consegue se definir senão pela sua abertura, disponibilidade e exposição ao outro, bem como à própria transformação.

No campo pedagógico, penso que uma verdadeira educação só pode ser da experiência, viabilizada pelo confronto entre os conhecimentos científicos e a vida humana, num processo contínuo de construção de sentidos entre sujeitos que têm palavra. Ora, como expedientes próprios de uma pedagogia do silenciamento (Ferrarezi Jr., 2014), imposição de respostas indiscutíveis, depreciação de ideias, comunicação de conteúdos divorciados da realidade e culto ao silêncio em pouco ou nada contribuem com a formação de sujeitos.

Lembrando o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015), é possível atinar que a educação, de modo geral, carece de uma “pedagogia do ver”. Uma pedagogia capaz de admitir tempo para a hesitação, para a dúvida, para a reformulação. Uma pedagogia

disposta a reconhecer alteridades. Uma pedagogia que invista tempo no humano. Uma pedagogia que reconheça o outro como seu centro organizador porque a ele determinadamente orientada.

Uma palavra final... Por ora

Como muito bem pontuado pelo pensador da linguagem Mikhail Bakhtin (2011), não há como existir uma última palavra, fria, seca, definitiva. Apenas pode haver palavra provisória. Então, para encerrar esse compilado de notas, gostaria de fazer intervir mais uma observação. Evidentemente, a educação da experiência não está dada, mas sim sendo cuidadosa e diariamente construída, mediante a coadunação de esforços de diferentes atores preocupados com o rumo da sociedade. É essa educação que me move e em seu potencial para construir um mundo melhor, mais justo, ponho fé.

Referências:

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FERNANDES, M. Introdução. *In*: COLASANTI, M. **Eu sozinha**. 2. ed. São Paulo: Global, 2018, p. 11-12.

FERRAREZI JR., C. **Pedagogia do silenciamento**: a escola brasileira e o ensino de língua materna. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

HAN, B. Pedagogia do ver. *In*: HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 51-58.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridades em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 02, p. 04-27, jul.-dez. 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan.- abr. 2002.

DE NARCISO À DRACARYS

Rafael da Cruz Freitas

Poderia eu, aqui, dissertar sobre a necessidade do conhecimento científico na área de letras, sobre a importância da pesquisa e da extensão na formação do pilar universitário, mas não. Hoje quero falar de mim, do que me trouxe até este ponto, do que me constrói, das dores, dos prazeres, o que pode ser um pouco de narcisismo, mas não somos todos um bocado de Narciso, talvez a milionésima parte de sua alma espelhada n'água?

Não posso falar sobre outros, digo apenas de mim e sim, sou uma das infinitas partes das almas Narcisas, almas que se perdem ao se observar, ao se ver na própria construção do eu, todavia, como o meu eu se constrói? Edifica-se partindo daquilo que me atravessa, é o que comunico e compreender isso, ouvir a própria alma, é talvez a atividade mais dolorosa que consigo — conseguimos — fazer, porque nos revelarmos para nós é reduzir a pó a imagem que outros constroem de nosso ser, é transformar em migalhas minha a imagem que gostava de ver, é sentir o que está atrás dela, a verdade, o eu. O que eu digo agora, observando do ponto onde estou, parece até uma engraçada anedota e talvez seja mesmo, eu jamais, repito JA-MA-IS me vi como docente. Falar em ser docente no começo da graduação tinha como resultante uma face de ultraje, talvez até mais ultrajado que uma Drag Queen que teve sua peruca arrancada no meio de sua apresentação de Whitney Houston.

E agora quem diria, quem me viu e quem vê, sou docente. A princípio a atividade veio à contra-gosto — tudo bem, nem tão contra assim — quando ingressei no PIBID como uma forma de abrir as portas do mundo acadêmico e conseguir uma segunda bolsa, essa de pesquisa e consegui bem na área que mais me encanta e motiva até hoje, a Literatura. Dizia para meu eu que o que eu queria mesmo era trabalhar com livros, como revisor, editor,

até ghost writer, mas a docência sempre se punha no meu caminho. Via e vejo na literatura uma forma de libertar as almas, de mostrar outros caminhos aos Narcisos, mas a docência sempre se punha no meu caminho. Via e vejo na literatura uma forma de compreender o mundo em que estou, como ele se construiu, mas a docência sempre se punha no meu caminho. Via e vejo na literatura uma forma de mudar — no mínimo compreender a sociedade —, mas a docência sempre se... NÃO... EU CANSEI, NÃO VAIS ATRAVANCAR MEU CAMINHO, SAI MALÉVOLA, SAI BRUXA, SAI PEDRA DO MEU CAMINHO!

A docência, então, saiu do meu caminho, subiu ao alto e avante e lá se transformou no perigoso, no mais letal dos dragões, o Rabo-Córneo Húngaro. Bateu suas asas, rugiu, lançou pilares de fogo e, num rasante, levou-me como se tomasse para si uma espécie de tesouro, tirou-me do caminho, apresentou-me um desafio. Meu Narciso se foi, foi nesse desafio que reduzi a pó, que queimei, pulverizei a imagem que comunicava de mim, a imagem que os outros faziam de mim e ME vi. Vi que dentro de uma sala de aula eu posso trabalhar com livros, de uma forma diferente, que eu posso ajudar almas a se libertarem de suas parcas construções, mostrar outros caminhos. Eu posso mostrar formas de diferentes compreensões do mundo e de talvez mudá-lo apresentando o que mais amo, ensinando a como montar os dragões e dizer DRACARYS.

UM POEMA DE CADA VEZ

Tatiel Zart

Durante um breve período da minha infância, o mundo era um lugar onde eu depositava muita esperança e positividade, eu ainda era uma criança que tinha entre as minhas preocupações apenas brincar, correr e explorar as particularidades de cada pétala da flor que eu recolhia para dar de presente para a minha mãe, mas as coisas mudaram muito rápido. Quando completei sete anos meus pais se separaram, o que hoje em dia talvez pareça algo trivial, mas nos anos 90 em uma cidade de menos de três mil habitantes, isso era determinante. O meu desenvolvimento foi prejudicado diretamente, minhas questões e preocupações rapidamente se tornaram outras, morando em uma casa com a minha mãe, irmã e avó (que sofria de alzheimer), repentinamente me tornei o “homem da casa”. O meu avô paterno sempre foi uma pessoa muito doce, um homem afeminado e isso fez com que na pequena cidade conservadora na qual eu cresci, isso fosse motivo para chacota e muito preconceito, o que fazia com que desde cedo eu sofresse muito bullying no ambiente escolar, mas mesmo com tudo culminando para o lado oposto, era na escola um dos poucos lugares que me sentia em casa.

As finanças da nossa casa foram prejudicadas, por um longo período de tempo ficamos em energia elétrica, minha mãe trabalhava fora de domingo a domingo, buscando garantir o básico para nossa família, eu entregava jornal de madrugada para ajudar com as contas básicas de casa, assim que chegava do trabalho, eu ia para a escola, durante a tarde cuidava da minha avó com alzheimer enquanto minha irmã ia para a escola, o que limitou muito minhas experiências e trocas com outras crianças. No final da tarde era o momento o qual eu podia desenhar e ler livros, fazer meus temas e deixar tudo em dia, mesmo sem luz, pois desde sempre

compreendia que a minha revolta com o mundo só podia ser resolvida em no espaço escolar.

Na escola desde cedo percebi que algumas aptidões eram mais valorizadas do que outras, os esportes nunca foram o meu forte, não os que eram propostos, por isso desde cedo optava por ficar na biblioteca durante o período de educação física, o que geralmente era utilizado como algum tipo de punição, mas eu compreendia como algo fantástico, o cheiro de livros e a possibilidade de fugir brevemente da realidade a qual eu vivia, me fazia querer ficar naquele local para sempre, assim começou meu amor pela escrita e pela música. Eu sempre fui um aluno muito questionador, nunca concordei com propostas sem antes questionar quais eram as razões as quais dariam algum sentido para as atividades obrigatórias, o que era um grande problema para a maioria dos professores, mas havia uma professora que não estava preocupada apenas com as atividades, mas com quem eu era, a razão eu nunca compreendi. A professora Ângela Paludo, professora de literatura, foi por muitos considerada uma professora ríspida, algo que eu nunca pude concordar. A sensibilidade de Ângela permitiu com que a mesma notasse que o aluno participativo e falante, havia se tornado alguém introspectivo, as perguntas e questionamentos sumiram, a responsabilidade com os temas e atividades também, mas a professora Ângela não desistiu dele.

Levando em consideração todas as mudanças que ocorreram durante a minha vida, em uma manhã a professora Ângela propôs com que eu todas as semanas lhe entregasse uma nova poesia autoral, eu poderia escrever sobre o assunto que eu quisesse, mas que seria o meu compromisso com ela. Na hora eu não compreendi muito bem o que ela estava querendo, fiquei desconfiado, mas como ela era a diretora não era o momento de discutir. Desta forma, durante um semestre todo, semanalmente eu entreguei uma poesia, através delas e dessa abertura, a professora me conhecia cada vez mais, eu me conhecia e lidava com questões às quais eu evitava pensar. No final do ano a professora me chamou, havia encadernado todas minhas poesias e colocado na biblioteca da

escola, eu estava lá na biblioteca e desta vez não para ler, mas para ser lido. Não soube muito bem como lidar com a situação, mas aquela atividade sempre me causou um incômodo muito grande, eu precisava encontrar algum significado, mas levou mais tempo do que eu imaginava.

No ano de 2019 ingressei no curso de Filosofia (B) na Universidade de Passo Fundo, inicialmente a minha graduação possuía como um único propósito dar conta das leituras filosóficas as quais realizava de forma independente, mas rapidamente fui absorvido pelo ambiente de sala de aula, muito influenciado pelas professoras Cínthia Roso de Oliveira e Bruna Bortolini que me demonstraram na prática o quanto havia potencial na minha forma de ensinar, desde então nunca mais parei de me dedicar, estudar e adaptar as linguagens filosóficas para os mais diversos ambientes e idades. Durante a pandemia o meu interesse por poesia e as relações as quais realizava com a filosofia me aproximaram dos professores Francisco Fianco e Bruna Bortolini, em conversas despretensiosas durante o período da peste, compartilhei com eles alguns de meus poemas, aos quais escrevia em dias cinzas, costume que herdei da atividade realizada na minha infância. Através do incentivo e apoio dos dois professores, a coletânea de poemas virou um livro chamado “Chumbo”.

Inesperadamente, após mais de quinze anos, somente neste momento eu compreendi aquela atividade proposta pela professora Ângela na minha infância. Eu segui escrevendo meus poemas quando cresci, eles seguiram sendo minha maneira de lidar com o mundo e de me aproximar de novas pessoas, e mais uma vez os poemas se tornaram um livro. Então nada mais justo do que procurar a professora Ângela e contar tudo que aconteceu durante todos estes anos. Eu a visitei de surpresa em uma manhã, junto comigo eu carregava o livro de poemas que havia recentemente publicado, ao abrir a porta um sorriso que me acolhia mesmo sem saber o motivo da minha visita, os cabelos brancos me faziam pensar que talvez havia demorado muito para aprender aquela lição, mas de qualquer forma segui. Conversamos sobre a vida, ela celebrou ao

saber que eu seria professor e naquele momento eu comecei a relembrar a professora sobre a atividade que mudou a minha vida, logo em seguida entreguei em suas mãos o livro de poesias, enquanto chorava a professora me disse: hoje você me fez muito feliz, dias assim fazem eu entender que tudo que eu fiz valeu a pena.

Naquele dia eu recebi uma nova lição, a que talvez algo que eu realize em sala de aula possa levar muitos anos para ser compreendido pelos alunos, mas que o principal é eu saber que o que eu faço quando entro em sala de aula, seja algo que valha a pena. A partir deste dia comecei a de fato utilizar tudo o que me era possível como ferramenta de transformação no mundo, trabalhei em escolas com filosofia com crianças, em cursinho populares e fundei um cursinho popular voltado para alunos de baixa renda, os quais assim como eu, mesmo no meio de adversidades seguem acreditando no poder transformador da educação. Atualmente o projeto conta com mais de 27 professores voluntários que compreendem o papel social da educação, algo que muito me comove é o fato de termos antigos alunos que atualmente atuam como professores no projeto ao qual contribuíram com os mesmos durante o processo de entrada ao ensino superior.

Certamente o Tatiel do passado não esperaria que anos após uma aula de literatura que mudaria completamente a sua vida, ele estaria hoje no Mestrado em Letras. Durante o meu processo de formação como professor eu construí vivências as quais diariamente busco compartilhar com alunos e colegas que muitas vezes estão alheios às dificuldades existentes em tudo que engloba a educação, mas sem nunca perder a esperança e o brilho nos olhos. A proposta da escola como um ambiente libertador me transformou, através de um convite de autoanálise de suas compreensões. O papel do educador dentro do ambiente de ensino não deveria se limitar às lógicas propostas pelo mercado, por isso se faz fundamental reconhecer o papel do educador como ferramenta de transformação, considerando que sempre é possível intervir para que as coisas possam melhorar.

Afinal de contas, o ato de educar é um processo de troca que precisa ser legítimo e ressignificado. Construir laços de afeto com a turma é o melhor caminho para o desenvolvimento efetivo das aulas, sem a necessidade de um caráter combativo. Acreditar no poder da educação, amar todos os alunos e identificar cada uma de suas potencialidades é o que existe de mais revolucionário. Escrevendo este relato me dei conta de que eu devo voltar a visitar a professora Ângela e contar que hoje em dia estou no mestrado em letras e que foi o seu amor pela lecionar que mudou a minha vida para sempre. Eu espero um dia “ser a professora Ângela” de alguém, neste dia eu vou saber que tudo valeu a pena.

Um percurso

William Dahmer Silva Rodrigues

Eu sempre fiz tudo pela metade. Durante grande parte de minha vida, principalmente na adolescência, todas as coisas pelas quais me interessava eu abandonava até antes da metade. Desde cursos de informática (que eu achava que tinha interesse), academia, ou, até mesmo, aulas de violino, tudo, tudo mesmo era trancado, ficava no meio. Lembro, agora olhando para trás, de uma canção de Luiz Tatit chamada *Meio*. Nela, o eu lírico coloca a dificuldade de *começar* algo, pontuando que, ao alcançar certo patamar, fica difícil distinguir o que é começo, meio e fim:

Por isso que sempre no início
A gente não sabe como começar
Começa porque sem começo
Sem esse pedaço não dá pra avançar
Mas fica aquele sentimento
Voltando no tempo faria outro som
Porque depois de um certo ponto
Tirando o começo até que foi bom

Depois de certo ponto, então, desconhecendo essa canção na época em que tudo ficava no *meio*, eu inconscientemente carregava o discurso “*o meio é bom*”, verso que aparece ao final da letra de Tatit. Enfim, eu me contentava em ter feito parcialmente, ou ter tido uma experiência parcial das coisas teoricamente interessantes para o William adolescente. Por isso, era difícil *me encontrar*. Com um certo distanciamento temporal, percebo que, de fato, pouca coisa mudaria do *eu* adolescente: na verdade, não era difícil me encontrar, eu estava numa busca constante por algo que, realmente, me cativasse. Lembro, também, de um trecho de uma obra que li há pouco tempo de Mia Couto e que carrego constantemente

comigo: “O futuro existe, mas não há”. Às vezes, dependendo do olhar, essa mensagem não me diz nada. Em outros momentos, ela é toda a minha existência.

Eu sempre fiz, pela metade, as coisas que, de fato, não precisavam de minha completude. Eu não experienciava aquilo por completo. A experiência não *me* acontecia, como descreve Larrosa. Sinto que as coisas *passavam* por mim e não aconteciam *comigo*. A mudança ocorreu, de fato, quando, no Ensino Médio, logo nos primeiros anos, comecei a me interessar pela língua inglesa. Depois de iniciar meus estudos em um curso livre de língua inglesa, aproximei-me de diferentes professores, que ascenderam em mim um interesse muito genuíno pela docência. Na terceira série do EM, já estava decidido: cursaria Letras em algum lugar.

Depois de muito pesquisar e decidir que abandonaria tudo que fazia em Concórdia para iniciar o curso, vim para Passo Fundo. Lembro-me que, antes de tomar a decisão final, ainda na terceira série, enquanto também trabalhava como Jovem Aprendiz numa empresa de concretagem, foi proposta a contratação para que pudesse trabalhar no controle de caminhões, no escritório desse local. Sequer passava pela minha cabeça a possibilidade de aceitar a oferta, como também, felizmente, não houve pressão por parte de meus pais para que ficasse em casa trabalhando nesse espaço.

Depois de pouco refletir sobre isso, porque não era necessário, eu tive uma das melhores e mais certeiras certezas da vida: jamais trabalharia num escritório, durante 30h, 40h ou 50h semanais, para, infeliz, *aproveitar* o final de semana com algo que fosse prazeroso. E foi quando entrei para o curso de Letras que a mensagem inicial - *eu sempre fiz tudo pela metade* - perdeu seu poder.

Eu iniciei Letras, eu fiz Letras pela metade, eu vivi Letras até o *fim*. *Fim* porque foram nove semestres, mas nunca é um *fim* de fato. Agora, fora de qualquer *escritório*, entendo mais claramente a concepção de experiência de Larrosa. As coisas me acontecem, eu vivo os acontecimentos.

MINHA HISTÓRIA COMO PROFESSORA

Zaira Marlusa Verardi

Quando era menina, eu me encantei com uma professora, Dona Juraci, e pensava como ela sabia tanto para nos ensinar. Eu estava no terceiro ano primário. A partir daí, eu decidi ser professora e saber das coisas para poder ensinar, também. Terminei o primário e o curso ginásial no Colégio Notre Dame e minha meta era ser normalista, me tornar professora. Meus pais estavam felizes com a minha decisão, pois, na época, ter uma filha normalista era o sonho de todos os pais. Terminei o ginásio com quinze anos, em 1951. Neste ano me inscrevi para dar aulas no Curso Supletivo de Educação para Adultos, no Grupo Escolar Fagundes dos Reis, tarefa que ocupei até a minha formatura. No ano seguinte, entrei no Curso Normal. Na minha época, 1952, estava no auge uma música que fazia muito sucesso e se chamava “Normalista” e iniciava assim: “vestida de azul e branco, com um sorriso franco no rostinho encantador, lá vem vindo a normalista pronta para o seu labor...”

Me formei no magistério em 1954 e, a convite das irmãs do Notre Dame, fui dar aulas no terceiro ano primário do Colégio Menino Jesus, pertencente à congregação, até vir minha nomeação para professora estadual, em 1955, com dezenove anos. Fui nomeada professora na cidade de Seberi. Lá, eu fui a primeira professora nomeada e dava aulas para o quinto ano pela manhã (alguns alunos eram da minha idade) e para o primeiro ano pela tarde. Eu gostava muito dos meus alunos e das colegas. Fiquei lá em Seberi por quase dois anos e fui transferida para Coxilha, onde fiquei quase cinco anos. Fomos todas transferidas para Passo Fundo, numa escola Municipal que foi transformada em Estadual, cujo nome foi escolhido por nós: “Escola Estadual Ernesto Tochetto”, onde fui a primeira diretora e lá permaneci por cinco anos. Nesse tempo fiz o Curso de Pedagogia e comecei a dar aulas

para a quinta série no Grupo Escolar Fagundes dos Reis, da sexta à sétima série, sempre com otimismo e dedicação. Após dezesseis anos de escola, fui transferida para a Escola Normal Nicolau de Araújo Vergueiro, onde comecei a dar aulas de História, no segundo grau, e de Didática de Matemática na escola normal, onde fui, também, supervisora de estágio. Eu adorava dar aulas e me realizava conversar com os alunos sobre vários assuntos, bem como conviver com os colegas e trocar ideias na hora do recreio. Até hoje, sou amiga de vários alunos e de algumas colegas.

No dia Sete de Setembro de 1982 fui aposentada, contando os anos em que dava aulas no Curso Supletivo da Escola Fagundes dos Reis. Minha filha mais velha cursou o Magistério, lecionou vários anos e fez o curso de Letras na UPF. Hoje, é professora em turno integral. Ela também adora dar aulas e me recrimina por ter me aposentado cedo. Para mim, foi a hora de me aposentar; outra etapa da minha vida me esperava e cumpri meus compromissos fora do Magistério. Meu nome é Zaira Marlusa Verardi e, mesmo aposentada, ajudo meus netos nas suas necessidades.

OS/AS AUTORES/AS

Altair Alberto Favero

Professor do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Passo Fundo.

Anderson Potrick

Mestrando em Letras, bolsista CAPES II, vinculado à linha de pesquisa “Leitura e formação do leitor”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduado em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Colégio Universos.

Caroline de Camargo Ribeiro

Mestranda em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa “Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Graduada em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Revisora de texto e professora particular de Redação.

Emanuele Rostirolla Mascarello

Mestranda em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa “Constituição e interpretação do texto e do discurso”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Professora na Rede Municipal de Ensino, em Passo Fundo/RS.

Flávia de Oliveira Milani

Mestranda em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa “Constituição e interpretação do texto e do discurso”, do

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Professora da rede estadual do Rio Grande do Sul.

Gabriela de Oliveira Zimmermann

Mestranda em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa “Constituição e interpretação do texto e do discurso”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professora de redação e língua portuguesa da rede estadual de Ijuí-RS.

Gabriela Golembieski

Mestranda em Letras, bolsista CAPES I, vinculada à linha de pesquisa “Constituição e interpretação do texto e do discurso”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Professora no Colégio Mater Amabilis - Rede Sagrado de Educação.

Júlia Scherer

Pós-graduanda em Intervenção ABA aplicada ao Autismo. Graduada em Letras - Português e Inglês, pela Universidade Anhanguera. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Neuropsicopedagogia. Atualmente atua com avaliação e intervenção na Clínica Neurocognitiva, em Passo Fundo.

Lariani Acevedo

Mestranda em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa “Produção e Recepção do texto Literário”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Professora no Colégio Tradição - Florianópolis.

Lissara Kaiuane Alves

Mestranda em Letras, bolsista CAPES I, vinculada à linha de pesquisa "Leitura e formação do leitor", do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. É co-fundadora do Laboratório de Linguagens Karenina, um espaço voltado para o ensino e estudo do texto. Atualmente ministra cursos preparatórios de redação para exames e vestibulares e atua como professora de redação para turmas do ensino médio no Instituto Educacional de Passo Fundo.

Lóris Marta Matozo Soares Xavier

Formada em Pedagogia pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), possui especializações em docência e pesquisa do ensino superior, educação especial inclusiva, Libras e certificação de proficiência na tradução e interpretação Libras/Português (Prolibras/2015). É graduanda em Letras-Inglês na Universidade Estácio de Sá e mestranda em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa "Leitura e formação do leitor", do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Professora de AEE na EMEF Duque de Caxias.

Lucas Danielli Marinho

Mestrando em Letras, bolsista CAPES PROSUC modalidade II, vinculado à linha de pesquisa "Constituição e interpretação do texto e do discurso", do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Licenciado em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul.

Luciana Simor Verardi

Natural de Passo Fundo, graduada em Psicologia pela UPF, pós-graduada em Psicologia Organizacional pela UFRGS, mestre em Psicologia e doutoranda em Letras pela UPF, bolsista Capes I. Exerceu a docência em cursos profissionalizantes da rede SENAI e

escolas da rede particular, atuou como consultora em gestão de pessoas, recrutamento, seleção e desenvolvimento, bem como acompanhamento de gestão.

Mari Carmem

Natural de Passo Fundo, está aposentada desde 1993 da rede pública estadual e municipal. Coursou Magistério na Escola Normal Osvaldo Cruz, em Passo Fundo. Graduada em Economia Doméstica pela UPF e pós-graduada em Arte e Educação. Atuou como professora, diretora de escola e secretária escolar por 25 anos.

Marceli Menegat

Graduada em Psicologia (UPF). Psicanalista em formação pelo PROJETO - Associação Científica de Psicanálise e Humanidades de Passo Fundo. Especialista em Psicanálise. Mestre em Letras (UPF), na linha de pesquisa de produção e recepção do texto literário, desenvolve pesquisa sobre literatura, cinema e psicanálise. Professora do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera Passo Fundo.

Marlete Sandra Diedrich

Professora de Língua Portuguesa, Linguística e Estágio no Curso de Letras; professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, atuando na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso.

Marilei Golfe Milan

Doutoranda em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa "Produção e Recepção do Texto Literário", do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Mestre em Letras pela mesma instituição e na mesma linha de pesquisa. Graduada em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade do Contestado (UnC) Campus de Concórdia - SC. Professora da Rede Pública Municipal e Estadual no Município de Tapejara - RS.

Milena Taliza Cazzonato

Mestre, bolsista CAPES, em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Produção e recepção do texto literário pela Universidade de Passo Fundo (UPF, Passo Fundo, RS, Brasil). Graduada em Letras, Português- Inglês pela Universidade de Passo Fundo (UPF, Passo Fundo, RS, Brasil). Professora da rede privada de ensino do município de Getúlio Vargas e da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul

Priscila Oliveira da Luz

Mestranda em Letras, vinculada à linha de pesquisa “Leitura e formação do leitor”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT). Professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Dal Piva.

Rafael da Cruz Freitas

Professor de Língua Portuguesa, Inglês e Respectivas Literaturas da Rede Pública de Passo Fundo. Especialista em Linguagens e Tecnologias na Educação (IFSUL). Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Letras - Mestrado (UPF)

Rafaela Oppermann Miranda

Estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF), vinculada à linha de pesquisa "Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso", com bolsa CAPES PROSUC Modalidade I. Licenciada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Cerro Largo (RS).

Tatiel Henrique Zart

Mestrando em Letras, bolsista CAPES II, vinculada à linha de pesquisa “Produção e Recepção de texto Literário”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo

(UPF). Graduado em Filosofia - pela mesma instituição. Professor no Colégio Salvatoriano Bom Conselho e Instituto Educacional Girassol.

William Dahmer Silva Rodrigues

Mestrando em Letras, bolsista CAPES II, vinculado à linha de pesquisa "Constituição e interpretação do texto e do discurso", do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduado em Letras - Português e Inglês pela mesma instituição. Professor no Colégio Notre Dame Passo Fundo.

Zaira Marlusa Verardi

Natural de Santa Maria (RS), está aposentada desde 1980 como professora estadual. Concluiu o curso de normalista no Colégio Notre Dame, em Passo Fundo, no ano de 1954. Posteriormente, graduou-se em Pedagogia pela UPF. Exerceu o magistério na rede pública estadual por 25 anos, atuando como professora, diretora de curso e de escola.

Altair Alberto Favero Anderson Patrick Caroline de Camargo
Ribeiro Emanuele Rostirolla Mascarello Flávia de Oliveira
Milani Gabriela de Oliveira Zimmermann Gabriela Golembieski
Júlia Scherer Lariani Acevedo Lissara Kaiuane Alves Lóris Marta
Matozo Soares Xavier Lucas Danielli Marinho Luciana Simor
Verardi Mari Carmem Marceli Menegat Marilei Golfe Milan
Marlete Sandra Diedrich Milena Taliza Cazzonato Priscila
Oliveira da Luz Rafaela Oppermann Miranda Rafael da Cruz Freitas
Tatiel Henrique Zart William Dahmer Silva Rodrigues Zaira
Marlusa Verardi Altair Alberto Favero Anderson Patrick Caroline
de Camargo Ribeiro Emanuele Rostirolla Mascarello
Flávia de Oliveira Milani Gabriela de Oliveira Zimmermann Gabriela
Golembieski Júlia Scherer Lariani Acevedo Lissara Kaiuane
Alves Lóris Marta Matozo Soares Xavier Lucas Danielli Marinho
Luciana Simor Verardi Mari Carmem Marceli Menegat Marilei
Golfe Milan Marlete Sandra Diedrich Milena Taliza

